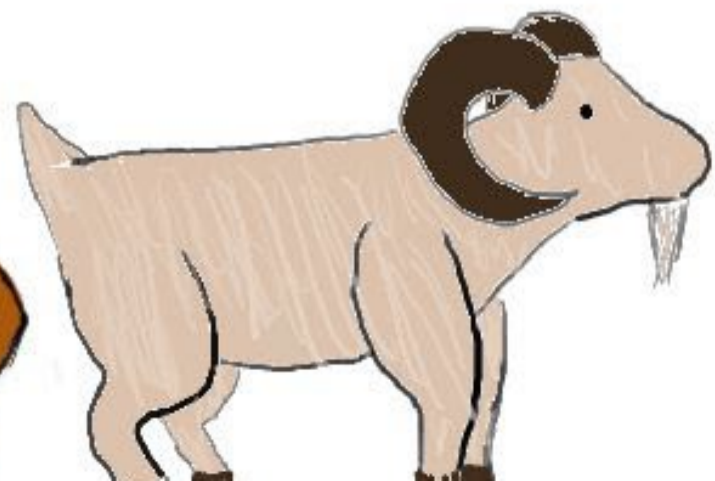




CONTOS



9º ano D - 2016

# CONTOS DE AGORA E OUTRORA



# Sumário

## APRESENTAÇÃO

### TRAUMA

Alan Braga Kon 6

### A CURVA

Beatriz de Almeida Ramos Vismona 11

### O ANEL

Bruno Iezzi de Queiroz 15

### NAS PROFUNDEZAS DA NOITE

Camila Dulcine Pessoa de Carvalho 19

### A SEREIA

Cecília Costa Rosa Pereira de Almeida 22

### PRIMEIRA GUERRA

Danilo Sztutman Oliveira 26

### A ROTINA QUEBRADA

Eduardo Heitor Penteado Dias de Mello Peixoto 30

### O FUTURO DO PASSADO

Fernando Quelhas Garcia Lima 34

### O DIA A DIA

Flora Loeb Hamburger 38

### ESTRADA AFORA

Francisco Ramalho Appy 42

### MAIS UMA 4ª FEIRA À TARDE

Gabriel Moraes Figueiredo 46

### AVÓ

Gabriel Starobinas Santos 49

### DIAS DE ESCURIDÃO

Giulia Yue Prospero 52

### UMA TARDE CHUVOSA

Graziella Piacsek de Paula 56

<b>E DE REPENTE UM VAZIO</b>	
Isabel Grinover Borgneth	59
<b>A DAMA DA NOITE</b>	
Isabella Gola Conti	62
<b>MAIS UMA TAÇA?</b>	
João Egydio Martins de Moraes	65
<b>RELEMBRANDO O PASSADO</b>	
Julia Lopes Tavares da Silva	69
<b>DIA DE CAÇA</b>	
Lior Karman	72
<b>FINALMENTE CHEGUEI!</b>	
Luana de Oliveira Tripoli	75
<b>JÁ CHEGA</b>	
Lucca Reis Longhi Adami	77
<b>ENCONTROS E DESENCONTROS</b>	
Luiza Ferraz Costa Furtado	79
<b>FINALMENTE LEVE</b>	
Nina Loguilo Klotzel	82
<b>MINHA VIDA DE CABEÇA PARA BAIXO</b>	
Marina Pinto Coelho Arantes	84
<b>O LADRÃO DE BRINQUEDOS</b>	
Pedro Lang de Mattos	87
<b>VELHOS AMIGOS</b>	
Pedro Paulo da Silva Werneck	90
<b>A DECISÃO FINAL</b>	
Valentim Faria Girard	92
<b>HISTÓRIAS, QUANTAS HISTÓRIAS</b>	
Valentina Thomas Mazzucca	95
<b>TENACIOUS D</b>	
Victor Paulo Cruz Lutes	98
<b>CRÉDITOS</b>	

# APRESENTAÇÃO

---

Neste epub estão reunidas obras autorais dos alunos do 9º ano, desenvolvidas durante o projeto *Contos de agora e outrora*, da área de Língua Portuguesa. As histórias se baseiam em uma experiência marcante da juventude do personagem protagonista.

Em respeito ao trabalho de produção e revisão dos alunos, e tendo em vista o limite das possibilidades de cada um deles, os textos foram reproduzidos integralmente após a última versão corrigida pela professora.

*Marilda Cabral*

*Setembro de 2016*

# TRAUMA

---

Alan Braga Kon

Todos temos lembranças do passado, de coisas que nos constrangeram ou prejudicaram socialmente. É inevitável, está no código genético de cada um lembrar detalhadamente situações ruins, pois assim, aprendemos com os erros. Uma das qualidades mais importantes do ser humano.

Eu e minha banda estávamos num enorme estádio de frente à plateia, não exatamente de frente, pois as arquibancadas rodeavam nosso palco. Assim, de todos os lados, inúmeros olhos se direcionavam para mim, porém, entre minha pessoa e esses olhares curiosos, havia um teclado, o motivo de eu estar naquela situação.

De repente, uma espécie de déjà vu passou em minha mente, era uma memória de minha infância:

...

Estava diante de um palco no conservatório do meu bairro. Era a vez de meu grupo tocar, vários outros já haviam apresentado suas músicas. Esse era composto por três guitarristas, duas meninas na voz, outra na bateria, eu no teclado e um professor do conservatório nos orientando, como um maestro.

Com uma mistura de emoções, meu coração batia mais rápido do que nunca, estava envergonhado, ao mesmo tempo ansioso e com um leve pavor. Por um olhar amadurecido, não havia motivo para estar assim, já que tinham no máximo vinte pessoas na plateia,

os professores e os pais. Porém, vinte pessoas já eram suficientes para lotar um bloco de carnaval pelo ponto de vista de uma criança tímida e pequena como eu. Possuía apenas sete anos, não tinha noção alguma de que não precisava fazer tanto alarde para ocasião.

Parecia totalmente sem foco, quando, de repente, ouvi 5, 6 e 7 e 8! Era o professor dando a entrada para nós começarmos a tocar. Sentei rapidamente no banco e só consegui realmente entender em que parte da música estávamos depois de cinco compassos.

Comecei a tocar o teclado, mudava de acordes, marcava o pulso com os pés, balançava a cabeça, sentia toda energia da música. Fiz ritmos complexos e solos com boas melodias, não conseguia ouvi-los, mas não me importei muito, concluí que a caixa de som estava direcionada ao público, e não a mim. Logo, segui a tocar como ensaiado repetida e cansativamente todas as quartas-feiras na aula.

Durante a metade da música erre um acorde, me perdi dentro dos refrãos e versos, não conseguia de jeito nenhum me localizar no mar de notas e palavras. Comecei a tremer, parei de sentir a energia positiva que criávamos e entrei em pânico. Apesar de todo o show ser apenas uma pequena música, torcia para que a apresentação acabasse rapidamente, mas não estava otimista de que ela alcançaria o último verso logo, pois meu sentimento de angústia deixava a impressão de que aquilo nunca acabaria.

Finalmente, a música chegou ao acorde final, aquele conhecido por ser o “ tom fundamental “, encerrando a música de forma forte e tranquila sonoramente. Depois disso, todos aplaudiram. Antes de mais nada, o professor veio a mim e, cautelosamente, para ninguém

escutar, sussurrou na minha orelha Adorei a maneira que você usou para disfarçar o teclado desligado, fingir que estava tocando foi muito criativo. Parabéns!

Primeiramente, não entendi o que ele quis dizer com aquelas palavras, eu não estava fingindo, estava realmente tocando. Parei para pensar e tentar compreendê-lo. Foi então que olhei para o cabo do teclado e notei que ele estava fora da tomada. Não me conformava com tal estupidez, era por causa disso que não ouvia minhas melodias. Como pude deixar esse erro passar? Meu Deus, que angústia! Foi então que, em um instante, a vergonha de tocar se transformou na vergonha de não ter tocado.

Agora conversava com minha mãe, segurava o choro e os soluços, enquanto ela dizia com empolgação Você foi o melhor de todos, tocou muito bem, como um músico de verdade! Percebi que ela dizia isso em vão, pois como ela poderia ter achado que eu tocava bem, sendo que não era possível ouvir o que eu tocava?!

Na viagem de volta a nossa casa, não conseguia parar de pensar na falha que eu cometera, estava muito decepcionado comigo mesmo, levava aquilo muito a sério. No banco de trás do carro, eu passava o tempo totalmente quieto. Porém, por dentro, desesperado, com confusos pensamentos, sentia uma imensa raiva, todos os meus músculos estavam tensos. Deixei de ficar triste comigo mesmo e passei a estar bravo com o universo que conspirava contra mim.

...



Também lembro que, no dia seguinte, já havia retomado minha autoestima e seguia minha rotina normalmente. Jogava bola, brincava com os amigos, ia à escola, estava todo contente. Sem nem mesmo pensar sobre o marcante fato que aconteceu no conservatório.

Afinal, eu era uma criança e, como eu já disse: uma vez você não quer apresentar, na outra você queria ter apresentado, assim, você fica muito triste e quando menos percebe já está rindo feliz de novo.

Essa é a infância, o momento de nossas vidas no qual mais aprendemos devido aos dinâmicos e instáveis sentimentos que nos transferem de uma situação à outra. Permitindo a maior exploração do mundo a partir de experiências próprias.

Minha banda estava na final de um torneio, no qual o vencedor ganharia uma turnê pelo país. Agora, vinte anos depois, o público era mil vezes maior do que o público daquela apresentação. A organização era melhor, a produção contava com mais pessoas e mais qualificadas profissionalmente, os instrumentos eram mais caros, de melhor qualidade e adaptados especialmente para meu estilo musical.

Mesmo assim, todo aquele trauma, que passou pela minha cabeça em instantes, me deixou com maus pressentimentos, ele me fez querer checar o cabo do teclado, assim o segurei e fui seguindo sua extensão até o fim. Lá estava ele, fora da tomada. De novo não! Ganhamos o campeonato, a música foi um sucesso por todo Brasil e meu solo de teclado fez a plateia inteira vibrar de emoção.

Pelo jeito, traumas serem tão importantes para os seres humanos desde a pré-história, não é apenas uma coincidência, é uma característica selecionada pela evolução.

# A CURVA

---

Beatriz de Almeida Ramos Vismona

Eu estava ali deitada olhando para o teto amadeirado, cheio de manchas escuras, me esforçando para conseguir dormir, mas isso não era possível por dois motivos: o primeiro era que meu irmão estava dormindo no mesmo quarto que eu, e como os quartos da fazenda do meu avô tem pé direito alto, faz muito eco e assim o som do ronco do meu irmão deixava um zumbido nos meus ouvidos que não me deixava dormir. O segundo motivo era pelo ocorrido daquela manhã.

Às 8 horas da manhã, meu relógio disparou como sempre, me alertando que estava na hora de colocar as minhas botas de couro e ir andar a cavalo. Na fazenda do meu avô, eu sempre acordo cedo para não me permitir perder nada. Lá é um dos lugares que eu mais gosto no mundo! É enorme e tudo é tão lindo e verde.

Ao colocar a minha roupa, desci para a cozinha, dei bom dia para a Lúcia, a cozinheira da casa, e fui tomar meu café da manhã. Meus pais e meus avós ainda estavam dormindo. Minha mãe sempre anda a cavalo comigo, mas naquele dia devia estar cansada do trabalho de fotógrafa e nem ousei acordá-la. Meu pai não é de andar a cavalo, ele é mais sério para essas coisas. Nesse dia ele ficou na varanda lendo seu jornal para ver qual era a situação do governo, já que ele é um dos seus advogados.

Ao terminar o café, fui ver se meu irmão queria me acompanhar no passeio, mas, como sempre, ele recusou a oferta e voltou a

dormir. Sem me importar, fui direto para o estábulo onde todos os cavalos e os outros animais ficam quando não estão no pasto. Chamei Joaquim, o peão da fazenda, e pedi para que ele arriasse dois cavalos para que pudéssemos ir até a cidadezinha de Areias comprar ração, já que estava em falta.

Cinco minutos depois, Apollo e Heroico (os nomes de nossos cavalos) já estavam arriados e prontos para ir. Subi em Heroico e me pus a cavalgar. Uma hora depois, chegamos à loja de animais. Joaquim pediu a ração enquanto eu dava água aos cavalos. Minutos depois, o peão me disse que iria demorar mais um pouco para que a ração chegasse, pois o caminhão da loja havia se atrasado. E assim pedi que eu fosse na frente com Heroico e depois ele me encontrava no caminho. Concordei e fui adiante.

Já quase na metade do caminho, fiquei preocupada com Joaquim, pois ele estava demorando muito, então decidi que, após a curva a minha frente eu, sentaria na estrada e esperaria por ele. Ao passar por ela, vi, a alguns quilômetros de distância, uma criança sentada no lugar onde eu planejava esperar o peão. Galopei para perto dela e desci do cavalo. A criança estava com roupas sujas, era loira e parecia ter uns seis anos. Aproximei-me dela e perguntei seu nome, não houve resposta, sentei ao seu lado e perguntei por que ela estava ali. Novamente nenhuma resposta. Fiquei preocupada com ela, e tentei ver seu rosto, mas seus cabelos me impediram. Até que ao longe escutei o trote de um cavalo. Olhei para o começo da curva e era Joaquim galopando com um saco enorme de ração amarrado em suas costas. Levantei e gritei para ele vir ajudar a criança. Quando ele se aproximou, ele tinha uma expressão confu-

sa. Perguntei o porquê. Sua resposta me fez ficar arrepiada da cabeça aos pés. Ele me disse que quando fez a curva e me viu, eu estava agachada sozinha, falando com o nada. Quando me virei, a menina havia sumido. Meu coração disparou, minha pressão caiu, me senti mole e desmaiei.

E lá estava eu em pleno escuro com apenas uma luz do corredor iluminando levemente meu quarto e com meu irmão roncando estupidamente alto. Fico pensando: será que isso que aconteceu realmente ou foi minha imaginação.

Depois de um tempo pensando e pensando, não consegui chegar a nenhuma conclusão. Já cansada, comecei a pegar no sono, até que quando me virei, olhei para a janela e vi cabelos loiros me observando. Olhei novamente com atenção e ela estava vindo em minha direção. Imediatamente me cobri.

Com muito medo concluí que era a primeira vez que eu via um fantasma, e foi assustador. Meu coração batia tão forte que era possível escutar as minhas veias pulsando, meu rosto suado e meu corpo tremendo. Corri para o quarto da minha mãe sem olhar para traz, e a abracei muito forte, o que me deixou calma e me fez pegar no sono. No dia seguinte, voltando para casa de São Paulo, senti um arrepio nas costas e percebi que estava fazendo aquela curva. Quando olhei para traz, lá estava ela, cabelos loiros, sorrindo e me dando tchau.

Até hoje fico pensando, quem era aquela menina, O que ela tinha a ver com aquela curva , Por que ela me escolheu para se “ comunicar” Isso eu nunca consegui saber, sendo que, ao longo dos

anos, perguntei para todos que moravam perto da curva se alguém a conhecia ou sabia de sua morte, mas ninguém nunca ouviu falar dela. A sua morte era um terrível mistério qual ninguém nunca desvendará.

# O ANEL

---

Bruno Iezzi de Queiroz

Era uma manhã de outubro, especialmente nebulosa naquele canto da Inglaterra, longe demais dos pólos para se ser propriamente gelado, porém perto o suficiente para um frio desagradável. Sombras cobriam os cantos dos aposentos não expostos às largas e escancaradas janelas. As torres da igreja subiam ao longe, enquanto um sino distante chamava pequenos aldeões para a missa. Melancólico e lento, o sino continuava a tocar com suas notas longas e agonzantes.

O edifício amanhecia negro, como todos os seus habitantes que nele adentravam. O sol já subia ao céu quando John abriu os olhos, fitou o telhado de pinho, finamente envernizado e talhado em forma de finas tábuas. Ajeitou com extrema precisão os botões de seu traje e se preparou para enfrentar a dura jornada escada abaixo até a larga e aquecida sala comum. Encontrou um desjejum quente, um prato de pães e sentou-se.

Joseph estava ao seu lado, junto com um grande prato de linguças. O jovem estava sentado junto a uma carta.

— John, você parece péssimo, ainda tem dificuldades em pegar no sono depois de quase dois meses?

Joseph havia sido o primeiro amigo de John naquele lugar e os dois haviam se conhecido de forma estranha, tendo Joseph roubado seus biscoitos. John logo descobrira o culpado e confrontou Joseph, que se desculpara. Os dois conversaram e desde este dia eles torna-

ram-se bons amigos.

— Bom dia para você também, Joseph.

— Eu realmente achei que você já estivesse recuperado. Mas não é por isso que chamei sua atenção, é sobre a herança.

Isso chocou John como um golpe rápido e certo, ele fitou o garoto atarracado com olhos penetrantes:

— Houve algum problema?

— Bem, aparentemente, você foi cortado do testamento pelo seu irmão; Seu pai tinha problemas não resolvidos com você, pelo que li na carta.

— Você leu a carta?

— Eu pensei que fosse algo menos pessoal.

— Só me devolva.

Com uma voraz curiosidade, ele abriu o selo já violado e desdobrou o papel contido dentro.

Fechou o papel depois de terminar de lê-lo, e o jogou fora, não queria encarar o testemunho de sua inutilidade perante os olhos do pai. Tinha sido por isso que ele o enviara ao internato.

De coração partido, John continuou com o seu longo e pesado dia. Com o final de sua rotina diária, ele caminhou como um condenado a caminho da execução, em direção do jardim da instituição.

Seu dia tinha se tornado um total descarrilhamento no final



da tarde, tendo esbarrado seus olhos numa estátua de seu pai que, como ele havia esquecido, estava postada em frente à entrada do pátio devido a suas contribuições elementares à instituição. Com aquela imagem, os sentimentos de culpa, que tentou suprimir o dia inteiro, voltaram à tona e todo o seu trabalho foi em vão. John esteve em maus lençóis com seu pai havia anos e nenhum deles conseguia se lembrar do motivo pelo qual tudo havia começado, porém sabia que a situação havia se escalado de forma que somente sua morte o fizera compreender que a afeição do pai era tudo o que ele queria ter.

Com o pai morto, a família de John consistia apenas de seu irmão, Edward, devido ao fato de sua mãe ter perecido de câncer há alguns anos.

O pai havia estudado nessa mesma escola quando mais jovem; Obviamente, fizera amigos, como Dave Slatin, o atual diretor do lugar, que assim que soube da morte do ex-colega, chamou seu filho para seu escritório.

Com a chegada de John, o homem não poupou tempo e abordou o assunto diretamente:

— John, meus pêsames, mas há um assunto que necessito de tratar com você. Como você deve saber, eu fui um bom amigo de seu pai por muito tempo.

— Sei disso, Sr Slatin.

— Então, nos seus últimos momentos, seu pai me conferiu este envelope, disse para dá-lo a você no momento de sua morte. Disse

também que somente você entenderia seu significado, mas de todo jeito, aqui está.

Com o envelope em mãos, John cuidadosamente rasgou o lacre e observou o conteúdo do embrulho: um anel simples, feito de metal comum sem nenhum detalhe particularmente atrativo, um anel que pertencera a sua mãe. O jovem lembrou-se então do motivo de sua inimizade com o pai: aquele anel, que causara os dois a debaterem seu destino depois do funeral da mãe, o pai querendo vendê-lo e o filho querendo mantê-lo.

Com o pequeno presente em mãos, John percebeu que aquele era o modo do pai de pedir desculpas pelo pequeno mal entendido que tanto separara ambos. Pela primeira vez desde a morte do pai alguns meses antes, ele se sentira feliz.

# NAS PROFUNDEZAS DA NOITE

---

Camila Dulcine Pessoa de Carvalho

Era noite. Estava no sítio de Teresa, minha prima. Era tipo aqueles sítios bem grandes em que há muitas vacas, cavalos, galinhas, outros animais perambulando por aí. O sítio sempre estava muito frio e úmido, e, naquela noite, não havia estrelas no céu, somente escuridão. Nem a lua queria aparecer.

Dentro de casa, enquanto fazíamos um bolo, ouvimos um barulho totalmente desconhecido. Paramos. Nos olhamos, e achamos que fosse um cavalo relinchando de um modo estranho. Rimos e voltamos ao bolo. Novamente, o tal cavalo relinchou. Agora, pior e mais alto. Achamos melhor sair da casa para ver o que estava acontecendo. Nos agasalhamos e não conseguimos achar as lanternas, mas, mesmo assim, saímos. Vimos no final do campo, perto de uma enorme mangueira, um cavalo. Era realmente o que pensávamos então, e parecia tudo certo com ele. Achamos estranho... e voltamos para dentro de casa, pois estávamos congelando.

Depois de algumas horas, quando não havia mais nem uma migalha do bolo, ouvimos mais um relincho. Mas, dessa vez, parecia muito mais perto do que o outro. Saímos, agora com a esperança de descobrir a razão de tudo aquilo. Ficamos surpresas, pois era outro cavalo, só que ele estava muito mais perto da casa do que o primeiro.

Após alguns minutos, ainda lá fora tentando descobrir alguma coisa, eu e Teresa ouvimos mais e mais relinchos, uns ao mesmo

tempo, outros mais altos e outros bem escandalosos, como se todos os cavalos estivessem levando um grande susto. Ficamos extremamente apavoradas e sem ação, pois não estávamos conseguindo sentir nossos pés por causa do frio.

Voltamos correndo para dentro de casa para recuperar o calor e entender que loucura era aquela. Os relinchos não paravam, e o nosso terror só aumentava... “poderia haver algum ser sobrenatural rondando os campos que só os cavalos poderiam ver e sentir? ”

Decidimos, então, enfrentar o medo e o frio e descobrir que diabos estava acontecendo com os cavalos. Teresa pegou na maçaneta gelada da porta, e, com a maior delicadeza, abriu-a. Sentimos a brisa fria da noite bater no nosso rosto. Seu olhar preocupado refletia bem a situação. Nos deparamos com um cavalo bem na nossa frente. Por conta da escuridão, não vimos muito dele, porém parecia calmo, como se o susto tivesse passado. Nos aproximamos do cavalo de mãos dadas. Mais perto e mais perto. Pudemos analisá-lo e sem fazer muito barulho para que não se assustasse. Foi quando enxergamos uma coisa montada nele, e estava mexendo em sua crina. Ficamos paralisadas...

Após uns cinco minutos, que na hora pareceram mais de trinta, voltamos para casa correndo, e desistimos de tentar encontrar a explicação. Foi, realmente, uma loucura em apenas uma noite.

Quando amanheceu, eu e Teresa nos olhamos “O que foi aquilo?!” , pensamos e rimos lembrando da noite passada. Pulamos para fora da cama e, com a maior curiosidade do mundo, fomos ver como estavam os cavalos. Chegando no estábulo, vimos a caseira

mexendo na crina de todos eles, e Teresa perguntou: “Dona Helena, por que você está mexendo na crina dos cavalos?” Ela respondeu: “Estou tirando as tranças”. “Tranças? Como assim?” perguntei. “Ué... as que os macacos fizeram”. Não podíamos acreditar, macacos? Depois dessa surpresa, eu e Teresa descobrimos o que é, realmente, cair nas profundezas da noite.

# A SEREIA

---

Cecília Costa Rosa Pereira de Almeida

— “Quando eu era um pouco mais velha que você, a vovó também me levava para a praia. Só que não essa praia, a gente sempre ia para Bertioga...”

(Ploc ploc) — olhei para o lado. Que barulho mais chato era aquele? Notei que o meu irmão não parava de bater seu pé.

— CHICO, PARA QUIETO UM MINUTO! NÃO TÔ CONSEGUINDO OUVIR A MAMÃE!!

— Posso continuar? — minha mãe disse, calma.

— “Numa noite, que eu pensava ser uma qualquer, os meninos jogavam futebol, e, para variar, não me deixaram jogar:

— Carlos, Nando? Posso jogar bola com vocês?

— Não, você é menina e meninas não jogam futebol.

— E...? Que machismo!

— Vai embora, Rita! — Como eles eram chatos! Mas como eu não estava nem um pouco afim de brigar com eles, obedeci.

A lua estava linda. Era noite de lua cheia. Resolvi andar na praia, me recusava a estragar aquela noite tão suave e agradável por causa daqueles dois:

— CARLOOSSS, diga para mamãe que vou andar na praia! Nem ouvi a resposta. Abri o portão verde da casa e saí andando.

Não tinha ninguém nas ruas. Às vezes podia-se ver uns caiçaras vagando por aí. Mas só. Nenhum carro.

Senti aquele asfalto esburacado se transformar numa areia macia. Eu tinha chegado na praia, que, por sinal, estava deslumbrante. Dava para ver praticamente a via láctea de tão estrelado que estava o céu. E ainda tinha o reflexo da lua no mar. Vocês não têm noção do quão maravilhosa era aquela vista .

Eu caminhava por aquelas areias fofas. A brisa suave batia em meu cabelo e bagunçava-o. Estava tudo tão calmo...

Continuei andando e aproveitando cada minuto daquela sensação de liberdade. As ondas estavam tão perfeitas e sincronizadas. Cheguei a pôr os meus pés sujos de areia no mar. Ele estava tão gelado. Criei coragem, avancei alguns passos e... Mergulhei.

Quando eu levantei, já acostumada com a temperatura da água, ouvi um som estranho. Mas não um estranho ruim, era o som mais extraordinário que eu já havia escutado. Parecia uma pessoa cantando. Porém aquele canto alcançava um tom tão afinado e, ao mesmo tempo diferente, que eu tinha certeza que nenhum humano conseguiria reproduzi-lo.

Resolvi seguir aquela voz. Depois de um tempo caminhando, o som foi ficando cada vez mais alto... Eu tinha a impressão que cada vez mais eu me aproximava. Foi então que observei boiar singelamente sobre as ondas, uma mulher de longos cabelos vermelhos e olhos cor de mel. Nua da cintura para cima, o seu corpo era único e delicado, seu rosto aparentava a ser absurdamente macio. Eu,

curiosa e ao mesmo tempo impressionada com tamanha beleza, me aproximei. E quando já estava perto o suficiente para ver que ela penteava seus cabelos com movimentos de vai e vem, pude notar que da cintura para baixo, ela apresentava a calda de um peixe.”

— UMA SEREIA — eu exclamei!

— Sua ridícula, sereias não existem!

Minha mãe ignorou ambos os comentários e prosseguiu com sua história:

— eu não tinha ideia do que fazer, perdida entre o medonha a curiosidade, ela ainda não tinha me visto, eu poderia correr e nunca dizer isso a ninguém. Mas eu tinha que fazer alguma coisa...

— Oi é... Voc...

A sereia parou de cantar e me encarou com aqueles lindos olhos mel. Será que ela nunca tinha visto um ser humano na vida?

— Eu não vou te machucar, você consegue me entender?

Ela não disse nada, nós apenas ficamos nos olhando, eu observava cada centímetro daquela calda, daqueles cabelos vermelhos fogo. Quantos anos será que ela tinha? Será que tinha namorado, amigos, amigas, pais? Será que eu era o único humano que ela já tinha visto? Teria chance de existir mais sereias? Quem sabe um mundo de sereias logo embaixo da gente?

Por mais que eu quisesse permanecer lá, estava ficando muito tarde e sua vó ficaria preocupada. Tive que sair. Dei uma última olhada nela, acenei com a cabeça e saí. Virei muitas vezes durante a



caminhada para ver se ela continuava lá, mas ela já tinha ido embora.”

— Você, provavelmente, estava delirando, mãe! — Chico disse, cheio de certeza.

— Talvez, filho! Mas foi uma das experiências mais reais que eu já tive...

— E você voltou lá? — eu perguntei, curiosa.

— Claro que sim! Mas nunca a vi novamente. Agora vocês precisam dormir. Boa noite.

— Como se depois dessa história eu fosse conseguir — falei em tom de piada, apesar de saber que era verdade.

# PRIMEIRA GUERRA

---

Danilo Sztutman Oliveira

E lá estava eu me preparando para a guerra. Vesti a armadura, as botas as calças e o colete. Por cima ia o cinto com a bainha e a espada. Respirei fundo, coloquei meu elmo e fui me juntar aos meus companheiros.

Tudo começou quando eu era criança, nasci no castelo da Montanha. Minha mãe havia falecido no parto e meu pai, um soldado, sempre me incentivou a seguir seus passos. Quando eu fiz cinco anos, ganhei minha primeira espada de madeira. Desde lá, comecei a treinar, todo dia à tarde eu ia aos bosques do castelo com ele e praticava em uma velha árvore.

— Estocada! Direita! Esquerda!- exclamava meu pai.

Foi assim que começou meu sonho, a cada dia eu ia ao bosque e passava a tarde inteira treinando naquela mesma velha árvore, até chegar aos meus 16 anos e, finalmente, ser convocado pelo exército. No dia do recrutamento, eu estava nervoso, mas quando fui escolhido uma sensação de alívio me percorreu, por começar a seguir os passos de meu pai.

Foram tempos difíceis de treino. Todo dia eu acordava junto com o sol e começava o treinamento. Corrida, treino com a espada e muito mais. Quando a noite chegava, eu não pensava em nada além de dormir.

Perto de nosso castelo, havia outro, o Castelo do Rio. E, um dia,

dois anos depois de meu recrutamento, foi anunciado um jantar para receber o barão do rio. Era uma tradição que acontecia todo ano. A semana que antecedeu o encontro foi cheia de preparativos para a recepção de gala. Todo o exército recebeu o barão e ele foi ao salão principal desfrutar de seu banquete.

A cerimônia terminou e, como esperado, o barão do castelo do Rio retornou à sua casa. Momentos depois de sua partida, o barão de nosso castelo fez um anúncio. Entraríamos em guerra com nossos vizinhos do Rio, por causa de um desentendimento durante o jantar. Em breve, iríamos atacá-los.

Os dias antes do confronto foram tensos e todos estavam trabalhando dobrado. Na noite que antecedeu a batalha, tive um sonho, em que eu havia sido o herói. Golpeando, correndo e atacando, havia liderado o exército à vitória.

Os generais passaram acordando-nos junto ao nascer do sol. Minhas mãos tremiam de nervoso ao pôr a armadura. Encontrei-me com meus companheiros e juntos, partimos ao local da batalha.

Ao chegarmos à planície em que ocorreria o confronto, vimos ao longe o exército inimigo se aproximando. Meu corpo tremia, e eu conseguia ouvir o metal de minha armadura tilintar, o suor corria por minha face e batiam em meu peito ao cair da ponta de meu queixo. Conseguia sentir em todas as partes do corpo os batimentos de meu coração, no peito, na têmpora, no pescoço, no pulso e na ponta dos dedos, todos sincronizados. As respirações de meus companheiros soavam aos meus ouvidos, nervosas, preenchendo o

silêncio ensurdecido do local.

De repente, um grito cortou os momentos de tensão:

— Ataque!- exclamou o capitão.

E assim nos atiramos contra a massa inimiga. Foi atirada uma saraivada de flechas na direção deles.

Quando cheguei cara a cara com o outro exército, vi um soldado deles caído no chão com uma flecha encravada na coxa. Seus olhos penetrantes me encaravam em um misto de súplica e ódio, uma cicatriz entre os olhos, denunciava que esta não havia sido sua primeira batalha. Ele não estava morto, nem inconsciente, era só eu enfiar minha espada nele e estaria tudo acabado, um movimento fácil que já havia treinado repetidas vezes. Mas hesitei, não sei o motivo, mas hesitei. E fiquei ali, por longos momentos encarando o ferido. Apesar de minha grande força para fazer o movimento, eu não conseguia. A tensão dentro de mim aumentava, e eu focalizei todas as minhas forças em meu braço, mas ele não se mexia, e, por poucos instantes que pareceram horas, eu fiquei parado encarando o ferido. Foi nesse momento de paralisação que eu senti uma forte pancada na cabeça.

Acordei em um lugar estranho. O cheiro de morte predominava. Conseguia ouvir gemidos e suspiros. Sentia meu corpo entorpecido. Minha cabeça doía, e eu não sentia minhas pernas. Comecei a me sentir enjoado. E tentei chamar ajuda, porém, minha voz não saiu. Aflito, olhei para os lados. Vi dezenas de camas, com soldados agonizando. Olhei para meu lado. Havia alguém em pé virado de

costas oferecendo água aos feridos, ele mancava, provavelmente por conta de um ferimento enfaixado em sua coxa. Sussurrando, consegui suplicar por um pouco d'água. O homem se virou. Exibindo sua cicatriz entre os olhos, hesitou.

# A ROTINA QUEBRADA

---

Eduardo Heitor Penteado Dias de Mello Peixoto

O bairro onde moro é relativamente tranquilo. Contamos, ainda, com a ajuda de uma equipe de segurança. Minha família e eu andamos pela rua sem nos preocupar com nada. É comum, aos finais de semana, passearmos com os nossos cachorros no parque que se localiza próximo a minha casa.

O verão chegou e, com ele, a vontade de dar uma boa nadada, e se livrar daquele intenso calor. Desde pequeno costumo ir ao clube com meus pais e irmãos, ao lado de minha casa. Nesse verão, não foi diferente: todos os domingos frequentávamos esse local. Lá, passávamos o dia todo e voltávamos apenas por volta da hora do jantar.

Foi em uma sexta-feira de lua cheia que nos reunimos aqui em casa. Estava tão claro que nem precisou ligar todas as luzes do jardim. Estávamos decidindo o que faríamos no final de semana. A conversa rolava solta, até que meu irmão sugeriu que fôssemos à Ibiúna verificar como andava a obra de nossa casa e aproveitar para fazer amizades pelo condomínio. Talvez, voltaríamos no domingo, mas não havíamos fechado nada. Com a empolgação de todos, resolvemos arrumar as malas e partir na mesma noite.

O sábado foi super tranquilo; fizemos wakeboarding enquanto minha mãe andava a cavalo. Todos pareciam se divertir. Ao final da tarde, fomos dar um passeio pelo condomínio e aproveitamos para jantar em uma pizzaria onde costumávamos frequentar.

Durante o jantar, eu estava um pouco agitado, pensativo e sentindo um aperto no peito. Não sabia ao certo o motivo dessa angústia. Deixei esse sentimento de lado e fui desfrutar da companhia de minha família e saborear uma pizza sem igual.

O sol apontou na represa anunciando a chegada do domingo. Com sua presença, tomamos um delicioso café no jardim de nossa casa. Depois disso, minha mãe recebeu um telefonema de nossa governanta. Após essa conversa, percebi que sua feição não era a mesma: ela estava angustiada. Perguntamos o que havia acontecido, mas ela disfarçou e não disse nada para nós. Apenas disse que deveríamos voltar mais cedo para São Paulo. Mesmo assim, tínhamos algumas horas para aproveitar o dia de sol. Resolvi fazer uma caminhada até a represa para me despedir daquela bela paisagem. No entanto, em nenhum momento, consegui me desligar e parar de sentir aquele aperto no peito, o mesmo que havia sentido na noite anterior. Somado a isso, a angústia de minha mãe contribuía para toda essa sensação. Com isso, resolvi voltar e arrumar a mala.

Durante a viagem, notei uma lágrima querendo saltar do olho de minha mãe. Como era uma mulher forte, ela não queria demonstrar qualquer tipo de fraqueza perante aos filhos. No carro, o silêncio era absoluto. Por isso resolvi colocar meu fone de ouvido e me desligar, nem que fosse só por alguns instantes, de toda aquela misteriosa tensão.

Finalmente minha mãe olhou para trás com uma cara de quem iria esclarecer a todos nós o motivo da ligação: um homem, amigo da família, morador na Rua 7, havia sido assassinado naquela ma-

nhã por um bandido armado e não identificado. Tudo indicava que tinha sido um latrocínio. Completou dizendo que não tinha motivo para nos preocuparmos.

Ao chegarmos em casa, vimos a cara de espanto da cozinheira que tirou o dia de folga para descansar. Resolvi ir para o meu quarto e assistir ao meu canal favorito, Off, para disfarçar tudo aquilo. Enquanto isso, meu irmão já tinha ido para a casa de seu amigo. Na sequência, meus pais foram confortar a esposa do falecido.

Para não fugir da rotina, fui passear no parque com os meus cachorros, naquela noite que parecia tarde de tão clara que estava. A única companhia que tinha era a lua e meus amigos de quatro patas.

Durante a caminhada, um guarda me chamou atenção. Disse que iria me acompanhar até minha casa já que não era seguro para um menino de minha idade andar sozinho, principalmente após o ocorrido. Mesmo assim questionei porque ele estava fardado se todos os seguranças da rua andavam a paisana. Todavia, dispensei sua gentileza, pois minha casa era ao lado do parque. Sua insistência me chamou atenção, já que o homem não me deixava voltar para casa sem a sua companhia, naquele instante, pensei como fugir dali. Olhei meu celular e logo dei a desculpa que minha mãe estava passando mal em casa e saí correndo. Agora, precisava pensar bem rápido sobre como abrir o portão eletrônico sem deixá-lo entrar.

Quando estava próximo de casa, já abri o portão e apertei para fechá-lo antes que alguém entrasse. Imediatamente, subi no primeiro andar de minha casa para ver onde o impostor estava. Já com o



telefone na mão liguei para 190 e contei todo fato, enquanto eu via o homem tentando entrar pela casa do lado. Em menos de 5 minutos fui amarrado pelo falso segurança. Enquanto pensava na minha família, o ladrão recolhia todos os objetos de valor espalhados pela casa. Quando achei que eu teria o mesmo fim do homem da Rua 7, ouvi uma sirene que renovou todas as minhas esperanças. Rapidamente, o homem pegou apenas o dinheiro e uma pequena estatua de ouro, a fim de obter uma fuga mais rápida. Logo pulou a janela, e saiu correndo pela aquela rua escura, mas os policiais viram-no, e começou a perseguição. Quando o ladrão beirava a marginal, foi surpreendido com um tiro em sua perna.

Sem saber, fui o responsável pela prisão do assassino do amigo de minha mãe. Desde desse dia, minha família é procurada pela imprensa para contarmos o fato. Por isso que nossos passeios de domingo ficarão, por um tempo, suspensos.

# O FUTURO DO PASSADO

---

Fernando Quelhas Garcia Lima

Eu estava no hospital com meu pai, um homem de quarenta e cinco anos, com cabelos grisalhos. Estávamos só nós dois. Ele é uma pessoa que já viveu muitas experiências diferentes e já havia me contado várias histórias de sua vida, mas tinha uma coisa que eu ainda não sabia, então lhe perguntei: “Como foi que você conheceu a minha mãe?”

Ele disse: “Senta que lá vem história.” E começou a me contar:

“Eu era um jovem, 23 anos, combinei de ir com meu amigo de escola, Rodrigo, a uma discoteca. Rodrigo foi me buscar na porta da minha casa para irmos.

Na balada, Rodrigo sempre beijava mais mulheres do que eu. Ele era muito popular, super descolado e eu era mais tímido, só que mandava muito bem na dança.

Estávamos no caminho, as ruas estavam muito escuras e vazias, sentimos muito medo do que podia acontecer. Pensamos em voltar porque continuava péssimo mesmo, mas a vontade de ir era muito maior.

Depois de um longo caminho, chegamos lá. Era uma discoteca bacana na época, uma das melhores de São Paulo.

De repente, meu coração parou! Avistei a mulher mais linda que eu já tinha visto em toda a minha vida. Falei entusiasmado para Rodrigo:

— Nossa! Olha aquela mulher!

Ele respondeu rapidamente:

— Sinceramente não achei nada demais.

Eu exclamei:

— Como assim nada demais!

Rodrigo disse normalmente:

— Só não a achei tudo isso.

Estava com o coração à mil só de vê-la, eu sei que é clichê dizer isso, mas era um amor a primeira vista! Ela tinha cabelos loiros, olhos azuis.

Já que eu dançava bem, fui até a pista de dança com todo o apoio de Rodrigo, para ver se conseguia chamar a atenção dela. Comecei a dançar, ela estava na pista mas saiu e foi até o bar, então também fui até lá. Meu coração estava disparado, nunca tinha sentido essa sensação na minha vida. Quando estava me aproximando, um homem chegou até ela e começou a conversar, gelei achando que fosse o namorado, mas ele levou um baita tapa na cara. Foi muito engraçado. Eu saí dali rindo muito, só que a música estava tão alta que ela nem ouviu. Não sei o que o ele disse mas ele parecia bem mala, pelo visto ela não gostava de homens desse tipo, então pensei: “Não posso ser mala com essa garota, não quero levar um fora que nem ele.”

Esperiei um tempo para ir até ela de novo, depois de ter visto aquela cena, pensei e hesitei de ir umas cinco vezes, estava com

muito medo.

Até que uma hora tomei coragem e fui, quase morrendo mas fui, ela parecia triste, com a alma fechada, cheguei perto dela e perguntei:

— Você está bem?

Ela respondeu tristemente:

— Infelizmente não, perdi minha mãe esses dias, vim para cá achando que eu ia melhorar, mas, na verdade, só piorei, fico pensando nela vinte e quatro horas por dia.

Fiquei chocado com o que ela disse, ofereci carona para ela, ela aceitou. Até aí nem eu sabia o nome dela nem ela o meu.

Fui procurar meu amigo Rodrigo para irmos embora pois já era tarde. Achei-o, estava tão bêbado que mal conseguia ficar em pé. Peguei-o pelo braço e fomos até o carro. Coloquei Rodrigo no banco de trás e eu mesmo dirigi, não tinha bebido nada. Ela foi no banco da frente.

Eu aproveitei para puxar assunto, então falei:

— Nossa, no meio dessa correria nem perguntei o seu nome.

Ela disse:

— Gabriela.

E fomos conversando durante o caminho até a casa dela, nos conhecendo melhor. Enquanto isso Rodrigo estava dormindo em um sono profundo no banco de trás.

Quando cheguei na casa dela, perguntei qual o número do telefone residencial dela, afinal, naquela época, não existia celular.

Alguns dias depois, liguei para sua casa e marcamos um encontro. Aí sim já como namorados.

E, filha, foi assim que conheci sua mãe.”

Surpresa, eu disse:

— Nossa, pai que história! - e completei – Posso perguntar para a mãe qual foi a primeira impressão que ela teve de você?

Ele respondeu:

— Claro filha só pergunta para o médico se ele deixa você entrar.

# O DIA A DIA

---

Flora Loeb Hamburger

Eu vou? Não vou? Eu vou. Não vou. Pobreza. Miséria. Gente passando fome, frio. Violência. Solidão. Morte. Tristeza. Depressão. Trevas. Abandono. Egoísmo. Crueldade. Cada vez que viro para o lado vejo mais uma desgraça e minha aflição aumenta. Eu vou? Não vou? Eu vou.

— Ei!

Virei para trás. Ali estava um homem elegante, de terno. Alto, com um corte de cabelo caro, de maleta e gravata. Com certeza, rico. Provavelmente era um homem de negócios importante que trabalhava naquele prédio.

— O que você está fazendo?! – ele falou quase desesperado.

— Não está claro? – respondi – estou me preparando para pular!

— Por quê?

— Para que me ouçam.

Ele me olhou com uma cara de dúvida, então eu disse:

— Você não iria entender...

— Tenta.

— Você... qual o seu nome?

— Marcelo.

— Marcelo, você é rico, importante, tem acesso à TV, jornal internet. Foi para uma boa escola, fez uma boa faculdade, imagino. Pode dizer o que quiser.

Fiz uma pausa.

— Eu estive aqui a manhã toda e, até agora, ninguém tinha falado nada. Aposto que se eu fosse um homem como você, seria diferente...

Ele olhou para mim pensativo. Colocou a maleta no chão e me estendeu o braço pedindo ajuda para subir na muretinha do terraço, localizado no telhado de um prédio muito alto. Peguei na mão dele, e no exato momento em que ele se pôs ao meu lado, o mundo parou.

Ouvimos sirenes de polícia, ambulância, bombeiros. As pessoas gritavam, veio jornal, TV e tudo o que se pode imaginar.

Marcelo desceu da mureta e todos voltaram para suas vidas como se nada tivesse acontecido, como se eu nem existisse. “ah, é só mais um vagabundo...”

Fizemos silêncio por alguns segundos e de repente ele tornou a subir na mureta de novo. Como na primeira vez, o mundo se mobilizou.

Quando o homem desceu e tudo voltou ao normal, ele disse:

— Estou chocado.

— Eu não...

— Parece que você ganhou a aposta...

— E o que tínhamos apostado?

Silêncio.

Ele subiu e aconteceu a mesma coisa que já acontecera duas vezes.

Ele desceu. Pensava em alguma coisa que eu não estava entendendo.

Pela quarta vez, Marcelo pôs-se ao meu lado. Ouvimos sirenes de polícia, ambulância bombeiros. Pessoas gritando. Veio jornal, TV e tudo o que se pode imaginar. Nos olhamos e nos demos as mãos.

— Contamos até dez?

— Combinado!

— 1,2

— 3

— 4

— 5,6

— 7

— 8,9

Ele largou da minha mão, me empurrou para trás:

— 10!!!



E pulou.

# ESTRADA AFORA

---

Francisco Ramalho Appy

— Tio João, tu podes contar-me aquela história de como chegou em Caracol da Serra?

— De novo, Felipe?

— Sim!

Eu morava sozinho em Florianópolis, nunca tinha nada para fazer, você sabe que eu curto fazer exercício? O máximo que eu fazia era andar até a garagem do meu Honda. Meu trabalho era numa sala cheia de pessoas e eu não gosto de aglomerado, era como uma prisão, gosto de ficar sozinho.

Mas continuando, numas de minhas férias fiz uma viagem pelo Brasil sozinho, dirigia meu Honda por cinco horas seguidas, estava cansado, quando olhei para o espelho retrovisor e vi uma moto com duas pessoas. Achei aquilo muito singular, a estrada onde estava não era rota para nenhuma cidade grande, só mesmo um caminho que dava no meio de Bahia.

A moto me ultrapassou rapidamente. Agora, estava só, que sensação boa ficar sozinho, fechei meus olhos para aproveitar o momento e quando olhei um bode estava no meio da estrada. Nessa hora, puxei o freio de mão. Pum poft paft paft.

Consegui frear a tempo, o animal não teve nenhuma lesão, mas na parada eu bati minha cabeça muito forte no volante. Desmaiei.

Algum tempo havia passado e ao abrir meus olhos, dei-me de

cara com um homem, magro, forte, olhos castanhos, uma barbicha, careca, nariz grande, com uma calça jeans e uma camiseta regata branca. Tinha algo diferente na feição dele, parecia estar fazendo algo muito importante, uma cara de nervoso com determinação ao mesmo tempo.

O homem tinha me tirado do carro e me colocado na grama ao lado do asfalto, estava macia e verde. Estava mexendo no motor do meu carro, arrumando o problema que eu provavelmente causara. Ele olhou para mim e percebeu que eu estava consciente, sua cara ficou ainda mais nervosa, aquele era o ápice do nervosismo. Ele se aproximou e disse:

— Vou pegar um pouco de água para você.

Achei uma ótima ideia, estava morrendo de sede. O homem desceu um morro ali perto, minha cabeça doía como a dor de quando chuta a quina de uma mesa, mas o barulho do bode comendo a grama me distraiu da dor.

O homem voltou com um copo improvisado de folhas grandes com água dentro, tomei de um gole desesperado. Nessa hora, percebi que a moto estava lá, aquela mesma moto que havia me ultrapassado.

De repente surgiu um segundo homem. Dessa vez um feio, gordo, cabelo curto, barba grande, um boné, bermuda estampada e camiseta vermelha. Ele entrou no meu carro, girou as chaves, me perguntei o que poderia estar fazendo. Ele gritou algo, uma voz grossa. O primeiro subiu na moto e a ligou.

Percebi o que estava acontecendo. Tentei me levantar com fracasso, o carro ia ficando distante de mim, não podia fazer nada, teria de descansar para poder andar.

Agora tudo fazia sentido os homens haviam colocado o bode na frente do carro. A cara de nervoso de um deles era porque ele estava roubando. Havia acontecido uma armação contra mim. Mas sou grato por isso. Pensei em minha casa antiga, como era chata a vida que eu vivia ali, sempre repetitiva e monótona, não queria voltar.

Levantei com dificuldade, como se estivesse numa corda bamba, era meu corpo bambo. O jeito era seguir caminho, continuar a estrada. Por um tempo andando não vi nenhum sinal de vida inteligente. Minha garganta já estava seca, minhas pernas mal sustentava o peso de meu corpo, a distância que andei foi mais de cinquenta vezes ir e voltar daqui até o mercadinho.

Estava andando fazia um tempo, não sabia quanto mais ia durar essa caminhada e nem minha destreza de continuar. Estava prestes a desmaiar, exatamente como quando é segunda feira e você está com sono e tem aula. De repente, pequenas casinhas apareceram ao fundo.

Aquelas casas eram na verdade a frente duma vila, que veio a se tornar nessa cidade, Caracol da Serra. Eu vi esta cidade crescer, até os dias de hoje.

Foi assim que o velho João chegou nessa pequena cidade e começou a morar aqui.

Gosto muito daqui, fico sozinho, faço meus exercícios, tenho um bom trabalho como jornalista, ganho o bastante para sobreviver. Esses aspectos que me fizeram ficar aqui e não voltar para Florianópolis.

— Sério que tudo isso aconteceu com você?

— Se você provar o contrário, lhe tiro o meu chapéu.

— Eu quero ser que nem você quando crescer.

# MAIS UMA 4ª FEIRA À TARDE

---

Gabriel Moraes Figueiredo

No ano de 2010, com ainda 16 anos, estava em um péssimo momento da minha vida; tinha muita dificuldade em meus estudos, meu avô por parte de pai estava no hospital, minha cachorra Mel tinha falecido. Além de tudo isso precisava estudar para uma prova de física da semana seguinte e meus amigos não ajudavam.

Era quarta-feira, véspera de prova e eu ia para a aula de inglês. No meio da aula, meu amigo Pedro perguntou se eu queria ir para sua casa quando saíssemos, e que iriam alguns de nossos amigos, no momento fiquei em dúvida, mas Pedro pôde me convencer de que seria uma boa ideia, portanto esperei que a aula acabasse.

Quando saímos vi que minha mãe tinha me mandado uma mensagem que dizia que eu deveria voltar para casa caminhando (uma atitude estranha, pois minha mãe nunca havia feito isso, então fui para a casa de meu amigo). Meu celular estava com pouca bateria, e achei melhor desligá-lo.

Passamos quase duas horas jogando futebol e indo na piscina. Mas depois de um tempo comecei a me preocupar com a mensagem que havia recebido de minha mãe. Então, me despedi e fui caminhando para minha casa ( usando a desculpa de que tinha de estudar).

Durante do caminho, comecei a pensar o motivo de estar caminhando. Passou na minha mente que alguém tivesse se machucado, a morte de um familiar, alguma surpresa boa, mas não tinha nada

que eu pudesse fazer.

Quando cheguei na minha rua, decidi checar meu celular. Lá estavam 17 ligações perdidas de minha mãe. Fiquei muito preocupado, ou minha mãe tinha se tronado super protetora ou algo muito sério acontecera. Entrei na minha casa rapidamente, já estava indo para o meu quarto,( e no caminho não vi minha família). Peguei meu celular e liguei para minha mãe:

— Alô, mãe? Onde você está?

— Filho, cadê você, meu?! Te procurei em todo lugar!

— O que aconteceu, mãe? Por que está falando assim?

— Filho, o vovô faleceu...

— Filho, tome um taxi e venha para o endereço que deixei na sua mesa.

— OK- disse cheio de lágrimas- já vou.

Ao chegar encontrei meus familiares reunidos. Depois de cumprimentá-los , assisti à missa e diversas cerimônias. Quando cheguei em casa, cheguei ao meu pai o motivo da morte de meu avô, ele disse que meu avô estava com um tumor na cérebro há quase três meses.

Passei muito tempo pensando nisso, mas, pude concluir que a única coisa importante é que enquanto estávamos juntos nos divertimos e tivemos boas memórias. Então sentei na minha mesa decidi que eu iria bem na prova de Física. Passei a noite, fiz a prova confiante e no mesmo dia soube que tirei B-. e assim mantenho uma

memória triste com um final feliz.



# AVÓ

---

Gabriel Starobinas Santos

Um, dois, três, quatro, cinco... pensava sem parar. Seis, sete, oito, nove... contava seus passos sem olhar demais a sua volta. Em um certo ponto, parou e olhou pro céu, cheio de nuvens, escasso de estrelas, com apenas uma, já quase sem vida. Por um breve momento, sentiu-se leve e sem preocupações, como se aquela estrela lhe desse sua sina. Mas logo lhe deu uma sensação de enjoo, quase que o jantar voltara para sua garganta. Retomou seu caminho sem rota e sem motivo.

A calçada estava relativamente cheia para o horário, com todo o tipo de gente. Ele olhava para os rostos que lhe passavam o caminho, sem esforço de lembrá-los. Era como sua avó dizia: “muitos rostos cruzam nosso caminho, porém poucos voltam a aparecer...”

A Avenida Paulista à noite era um centro de acontecimentos urbanos sem importância, onde tudo o que importava era andar, comprar e ir ao teatro. “Bem, pelo menos é melhor do que a Augusta a esse horário...” – Pensou ele, lembrando-se da noite passada, a loucura que foi.

Não se preocupava em pensar pra onde iria. Estava desolado e sem esperanças. “Ainda não caiu a ficha de que ela se foi...” – Pensou baixo para si. Nem percebeu e tudo que o contornava sumiu. Uma cutucada nas costas, um cochicho baixo na orelha e um metal frio na nuca transformaram-no em uma rocha.

— Passa a grana...

— Ahn...

— Se tu gritar, parceiro, ce já era!

— Mas... eu não tenho nada.

— Me engana e vai ganhar duas balas de presente no ouvido!

— Calma...

— Eu tô calmo! – disse o anônimo com certo cinismo – Eu estou ótimo! Acabei de cheirar uma cocaína pra me distrair.

O bandoleiro ameaçou-o novamente com outro cutucão na espinha, dando ao pobre menino um arrepio inimaginável. Não tinha escolha.

O menino assustado foi empurrado violentamente para um canto, para um beco, longe da visão de qualquer um. O ladrão o virou e, assim, o moleque começou a passar o que tinha, sem pestanejar e com cautela.

Tirou a carteira, o celular e seu relógio de mão antigo que sua avó lhe dera e entregou ao homem.

— Espera, Márcio?

— Mano! Quanto tempo! Desculpa, cara, toma. – e lhe devolveu os pertences; todos sem exceção.

— Você chegou a esse ponto?

— Pois é!

E foi o início de uma longa conversa. Horas ali ficaram, conver-

sando e discutindo tudo o que lhes aconteceu entre os três anos que não se viram. Não tinham noção do tempo, nenhuma. O tal Márcio perguntou ao menino sobre sua avó, e este travou. Disse, meio sem graça e quase em pranto, que ela estava bem, se recuperando de uma cirurgia. Era mentira, mas para nenhum dos dois faria muita diferença.

Por fim, trocaram contatos e despediram-se um do outro. Apesar de tudo o que estava acontecendo, ele se sentiu bem de certa forma. Estava a voltar ao hospital, sabendo que, no dia seguinte, estaria a andar por um campo-santo. Estava relaxado, um pouco mais calmo sobre a situação e pensava noutra frase de sua avó: “angústia alguma é párea para uma amizade”. Ela era tão querida... Sentia ela o chamava pela brisa que começava a despertar. Ele sabia que a sua querida estava vendo tudo lá das estrelas.

Olhou novamente o céu, aquela estrela brilhava mais e mandava paz para seu coração. O coração que perdeu alguém, que, agora, latejava em uma profunda paz. A paz que o fez sobreviver àquele assalto. A paz que só uma avó dá.

# DIAS DE ESCURIDÃO

---

Giulia Yue Prospero

Me encontro sentado na varanda de meu quarto olhando a vista da cidade. Este, com certeza é o melhor momento dos meus dias, quando observo os prédios, os carros, os ônibus e a movimentação das pessoas. É quando percebo que faço parte de uma sociedade, que não estou sozinho. Com essa agitação toda, me recordo de um certo dia, que deu a minha vida um rumo diferente.

Desci à cozinha como fazia todos os dias, ver se precisava sair para comprar algo para preencher a geladeira. Não sou nenhum santo, mas tenho prazer em ajudar minha mãe. Aquela, sim, é uma mulher honesta, que lutou muito para conseguir formar uma família, e que sai todos os dias de casa para limpar os corredores da escola. Muitos me perguntam se eu tenho vergonha de dizer o que minha mãe faz da vida. Sinceramente, não é algo que saio falando por aí, mas se me perguntarem, eu respondo com orgulho.

— Fez o dever?

— Sim. -Respondi. Quer que eu compre alguma coisa hoje, senhor?

— Pão.

— Então tá. Já volto. ”

Rumo à padaria, me deparei com Dona Celeste, uma vizinha muito inoportuna. Tentei evitá-la, mas quando me dei conta, já era tarde:

— Rafa! Como vai sua mãe? Faz tempo que eu não vou na sua casa! Que saudades do cafezinho da Dona Selma! E seu pai? Faz um tempo que não vejo ele sóbrio! Ele já está melhor?

Meus olhos se encheram de lágrimas. Me virei para que ela não pudesse perceber a expressão em meu rosto de profunda tristeza.

Saí correndo. Comprei o pão. Paguei. E fui embora.

No caminho de volta, torci para que meu pai não notasse minha demora. Além disso, me perguntava se João, meu irmão mais novo, já tinha voltado da escola. Eu o admiro. Adoro seu jeitinho infantil de ser. O fato de não ter responsabilidades, o torna livre, despreocupado, calmo e sempre tenta levantar o astral dos outros. É muito inocente, não sabe os verdadeiros problemas da vida. E sua inocência é o que mais me encanta. Outra dúvida dominava minha mente. Me perguntava se minha mãe já estava em casa. Com ela o ambiente ficava mais leve.

Abri a porta tremendo. Fui à cozinha correndo deixar o pão na cesta. Não tinha ninguém. Aproveitei a oportunidade para subir as escadas rapidamente e...

— Demorou por quê?

— Encontrei a Dona Celeste e...

— Ficou de papo.

-Claro que não, pai...

-Me chamou de quê? Quem te deu a liberdade para me chamar assim, moleque?

Me desculpe, pai, quer dizer, senhor, eu só...

Depois disso, não me lembro de muita coisa. Apenas fragmentos de memória e um som de chave na porta. Rezava para que acabasse logo aquela tortura e quem quer que fosse abrindo a porta, queria que me ajudasse.

“Nunca tinha contado nada para minha mãe antes, com medo da decepção que ela poderia sentir. Lembro-me que quando eu tinha aproximadamente uns 6 anos de idade, meu pai foi despedido da empresa que ele mais amava e mais se orgulhava de fazer parte. Depois de receber a notícia, ele decidiu afogar as magoas no álcool pelo resto da noite. Sua decepção foi tão grande que ele nunca mais foi o mesmo. Naquela época, minha mãe estava muito ausente por conta dos problemas de saúde da vovó, então o único membro restante da família para acompanhar de perto o sofrimento de meu pai, era eu. Com tudo, a bebida não o ajudou da forma que ele esperava, só o tornou cada vez mais agressivo e com raiva de tudo e de todos a sua volta. O fato de estar sempre com os efeitos da bebida, o tornou agressivo constantemente. Com o tempo, toda a sua raiva foi focada em uma só pessoa. Alguém que assistia a sua dor em silêncio porque não conseguia achar as palavras certas, eu.

Os dias foram passando e estes eventos foram se repetindo; uma vez a cada mês; a cada semana; ou as vezes a cada dia. Coincidentemente ou não, ninguém estava perto para acompanhar tal pesadelo já que meu irmão mais novo passava o dia na rua e na escola, e minha mãe no trabalho ou na casa da vovó. Ninguém via, ninguém me escutava, me sentia completamente impotente, sozi-

nho, perdido no mundo.”

Foi quando ela abriu a porta:

— Rafa?! O que está acontecendo aqui? Mario, solta ele!

O dia fluiu como outro qualquer, mas, dessa vez, com esperança.

# UMA TARDE CHUVOSA

---

Graziella Piacsek de Paula

A praça continua igual. Cheia de árvores, folhas caídas no chão, crianças correndo pra lá e pra cá, cachorros passeando com seus donos e sempre alguém caminhando não a deixando vazia. Ai que saudade...

Vinha pra cá todos os dias, aliás, ainda venho. Minha avó e eu nos divertíamos muito juntas por aqui; sempre que saía da escola, almoçava em sua casa, que era no mesmo prédio em que morava. Meus pais trabalhavam o dia todo e eu odiava almoçar sozinha. Nós fazíamos tudo juntas: ginástica, assistíamos a filmes, cozinávamos para o vovô e também nos deliciávamos com as comidas que só ela sabia fazer. Ela também me ajudava a estudar para as provas porque parecia uma enciclopédia. Era perfeita a minha avó Amélia.

Sempre que venho aqui me lembro de um dia, há muito tempo. Aquele dia amanheceu bonito, porém acordei triste. Vovó estava doente, com câncer. Antes de ir para a escola, passei em sua casa para desejar-lhe boa sorte na cirurgia. Notei o seu olhar triste, mas ela não querendo me preocupar fingia estar bem. Antes de sair, dei-lhe um abraço e um beijo, desejando que tudo desse certo. Prometi que à noite a encontraria no hospital.

As aulas foram entediadas, ou quem sabe foram boas, mas não prestei atenção nelas, pois todos os momentos estavam voltados para a cirurgia. Não podia imaginar a minha vida sem ela. Como seriam meus dias depois da escola? E vovô? Ficaria sozinho? Quem



faria aquelas comidas deliciosas? Quem me ajudaria a estudar? Procurei não insistir nesses pensamentos, fui para a biblioteca fingindo usar o computador para fazer uma pesquisa. O relógio parecia quebrado, pois o tempo não passava. Finalmente, o sinal que indicava a hora de ir embora tocou.

A perua da escola parecia estar andando em uma velocidade menor do que a de costume. Olhava pela janela, mas meus olhos não viam nada, eram árvores, casas, pessoas, todas fora de foco. Comecei a ficar enjoada, com a boca seca, um zumbido perturbava meus ouvidos. Entrei em casa. Silêncio. Com certeza mamãe ainda estava no hospital. Fui até a cozinha beber um copo de água, e cada gole não aliviava a minha ansiedade.

Abri a porta do quarto e um envelope com uma letra que conhecia muito bem estava em cima do travesseiro. Cheguei perto mas não tive coragem de pegar: como se fosse um ferro quente, a brasa de uma fogueira que, em vez de me aquecer, queimava-me por dentro. Sentei na cama e ali fiquei não sei por quanto tempo. O quarto escureceu e continuei esperando, até que o celular tocou. No visor: Mãe. Atendi com a mão trêmula.

Acendi a luz e, finalmente, consegui coragem para abrir o envelope.

*“Querida neta, se você está lendo essa carta é porque ocorreu tudo como imaginei. Chegou da escola, entrou no seu quarto, viu essa carta em cima da cama e, curiosa como sempre, abriu-a. Escrevi há alguns dias quando soube da cirurgia. Algo dentro de mim não acreditou que isso resolveria o meu*

*problema. Morrer só ficaria difícil porque deixaria você e sabia o quanto isso ia mudar a sua vida. Quero dizer que fui muito feliz sendo sua avó. Espero também que tenha sido feliz sendo minha neta. Nossos dias juntas, compartilhando tantas experiências, deixou minha vida muito alegre. Sei que você é uma pessoa incrível, e que não vai abandonar o seu avô. Gostaria de te agradecer por todos os nossos momentos. Sua avó te ama demais! Não se esqueça disso.”*

*Com amor,*

*Vovó*

Uma chuva fininha caía e senti um calor no meu coração. Vovó gostava dessas tardes mais frias e a chuva sempre nos levava para a hora do chá com bolinhos de chuva. A lembrança fez o meu estômago roncar. Levantei-me e, sem me encomodar com os cabelos molhados, caminhei feliz para a casa de vovô. Hora do chá com bolinhos!

# E DE REPENTE UM VAZIO

---

Isabel Grinover Borgneth

Em uma noite de terça-feira, lá estava eu no meu treino de handebol, como de costume. Naquele dia, ou melhor, naquela semana, eu estava muito frustrada. Não acertava um gol, não segurada um passe e a cada batida de bola aquele assunto voltava em minha mente sem parar, tirando toda minha concentração e me deixando a cada vez mais angustiada.

No fim do aquecimento, a secretária da escola subiu até a quadra e me chamou dizendo que eu iria sair mais cedo. Estranhei, nunca tivera que fazer aquilo antes. Preocupada, peguei minhas coisas e desci a escada rapidamente.

Ao meio dos degraus, enxerguei minha mãe com os olhos inchados sentada no chão. Naquele exato momento, como se tudo estivesse congelado, lembrei do que ela havia dito antes de sair para a escola: “Sofia, agora, o importante é ficarmos todos junto aconteça o que acontecer”. Não tinha entendido de manhã, mas, agora, sim, então saí correndo para os braços dela.

A morte de uma pessoa tão próxima é algo difícil de explicar; Em um piscar de olhos, tudo se desmorona sobre você corroendo o que faz de você uma pessoa feliz naquele momento. A ideia de que nunca mais iria poder conversar com aquela pessoa tão querida me perturbava todos os dias. Aquela que desde pequena me contava as mais brilhantes histórias, aquela que tinha mais sabedoria, minha avó. Uma das sensações mais terríveis que já havia sentido, um va-

zio gigante, que me deixou sem chão e tudo o que sentia era uma dor intensa no meu coração.

Depois de um longo abraço, nós nos separamos e fomos beber um copo d'água para nos acalmarmos. Ficamos no mínimo duas horas na escola divagando sobre o que tinha acabado de acontecer. Ela me contou algumas histórias de quando ela e a vovó foram juntas para Paris e eu contei como era gostoso dormir na casa dela, quando começávamos o dia nadando na piscina e depois almoçávamos conversando e rindo muito durante a refeição. Como nada é perfeito na vida, no final do dia, eu via um filme para passar o tempo enquanto ela fumava para descansar a cabeça.

E, nessas horas, quando temos que dizer um adeus forçado que não tivemos a oportunidade de dizer antes, paramos e ficamos tentando entender e pensar se podíamos ter feito alguma coisa; Mas o pior é que não tem o que entender.

Fui para a casa e lá minha mãe explicou como havia acontecido. Na verdade, o que minha avó tinha era um câncer que chegou a um ponto que tomou conta de todo seu corpo deixando-a sem forças para lutar. Eu sempre dizia a ela que o cigarro não era uma boa saída.

Com o passar do tempo, aquele buraco profundo foi cicatrizando.

Um dia, jantando com minha tia, ela me perguntou qual havia sido a última coisa que minha avó tinha me dado. A resposta foi rápida e, pela primeira vez sobre esse assunto, feliz: “Ela me deu a

oportunidade de passar momentos incríveis com uma pessoa maravilhosa”.

# A DAMA DA NOITE

---

Isabella Gola Conti

“Descreva o cheiro de uma flor” era a instrução da lição de biologia daquela semana. Eu tinha certa dificuldade no assunto, já que, para mim, cheiro é uma coisa incomparável, única. Resolvi me livrar deste assunto o mais rápido possível e realizar essa tarefa aquele mesmo dia à noite.

“Pedro, não volte tarde” foram as palavras que minha mãe me disse antes de eu sair de casa. Fui a uma rua próxima a minha casa para que não demorasse muito. A viela que escolhi era muito pequena, mas também aconchegante. Nela havia o mais variado tipo de vegetação, desde arbustos até grandes árvores. Eu a percorri de ponta a ponta e chegando na esquina, senti um cheiro muito forte. Jamais o tinha sentido antes, era como se, no meu nariz, houvesse a primavera inteira. Comecei a procurá-lo apressadamente, queria identificar de qual planta ele vinha.

“É a dama da noite, uma das plantas mais curiosas que já vi, ela apenas libera seu cheiro a noite”, essa voz fina e melodiosa surgiu atrás de mim. Quando me virei, me deparei com uma mulher muito bonita, loira, com olhos azuis, como se fosse uma deusa. Usava um vestido vermelho que ressaltava ainda mais a clareza de seus olhos e as curvas do seu corpo.

“Obrigado por me dizer qual era, eu preciso para o meu trabalho de biologia”, foi tudo o que consegui dizer na hora. Sem pronunciar nenhuma palavra a mais, a mulher seguiu seu rumo como

se eu fosse insignificante,

No caminho de volta para casa percebi que havia sido rude. Não havia sequer perguntado seu nome. Queria ter sido mais simpático, como normalmente sou, porém naquele momento, as palavras não vieram na minha cabeça, como se eu não as conhecesse.

Ao perceber isso, decidi voltar para a viela. Pedalei minha bicicletinha o mais rápido que eu pude, não conseguia esperar nem mais um minuto.

Chegando na viela, tudo o que eu pude reconhecer foi o silêncio e o cheiro da dama da noite. Porém um pouco mais a frente percebi a silhueta de um homem sentado em um banco na esquina da viela. Corri até o homem. “Você viu uma mulher de vestido vermelho passando por aqui?” O homem me olhou com desprezo, como se eu estivesse o atrapalhando, porém me respondeu: “Vi sim, ela vem aqui todas as noites, assim como eu, fica na viela por 5 minutos e sempre as nove em ponto entra num carro preto que passa aqui para buscá-la” “Você viu para que direção este carro foi?”. O homem me apontou a direção.

Peguei a minha bicicleta e comecei a acelerar. Mais a frente, na rua indicada pelo homem, vi um carro preto estacionando. Posicionei-me um pouco afastado para ninguém me ver. Um homem saiu do carro, muito bem vestido, de uns 40 anos. E então a mulher saiu do carro, aquela que não saía da minha cabeça. Os dois entraram num estabelecimento que eu desconhecia. Fui olhar mais de perto.

Quanto cheguei à frente do local, soube exatamente o que era,

um prostíbulo. E então a ficha caiu, tudo fazia sentido.

E agora eu enfrentava uma decisão aterrorizante. Meu pai sempre me encorajou a entrar num destes, afinal eu já tinha 16 anos mas minha mãe sempre me disse para evitá-los.

Pensei durante muito tempo, sentado na calçada e quando percebi já eram duas da manhã. “Minha mãe vai me matar”, foi o que pensei. Então, pedalei até em casa.

Já em casa a bronca de minha mãe entrava por um ouvido e saía pelo outro. Minha mente estava focada na mulher, no seu sorriso, nos seus cachos e na sua roupa. Não conseguia tira-la da minha cabeça.

Para me distrair decidi anotar o cheiro da dama da noite. Minha vontade não era descrevê-lo com palavras usuais como: forte, doce e perfumado e sim com a única palavra que o descrevia: amor.



# MAIS UMA TAÇA?

---

João Egydio Martins de Moraes

Mais uma quinta-feira igual a todas as outras. Evento em casa, risadas exageradas, barulho de taças: tin, tin. Eu? Eu tinha que fazer as lições e treinar para a final do campeonato de xadrez que aconteceria no outro dia.

Minha mãe é uma famosa chefe de cozinha, responsável e bem conhecida por divulgar variadas opções de “finger food” no Brasil. Era muito conhecida por juntar ingredientes exóticos com a típica comida brasileira. Daí surgiu a ideia de abrir a nossa casa, uma vez na semana para oferecer um menu degustação para pessoas renomadas e bem conhecida tanto nesse mundo gastronômico quanto no mundo da alta sociedade.

Além disso tudo, essa quinta tinha um algo a mais: uma emissora nacional iniciaria a gravação de um programa que estampava no título o sobrenome de minha família: “Cozinhando com a família Gomes”.

O trabalho começou cedo lá em casa, mesmo com a gravação começando apenas as 19 eram decoradores, copeira, garçons, sommelier, manobristas, recepcionistas, cozinheira e auxiliares. Até o DJ já estava preparando o som. Durante o período da manhã, passei o dia na escola quando cheguei em casa, achei que tudo estaria arrumado, que apenas mais tarde chegaria a emissora. Fui surpreendido logo de cara, quando meu motorista foi impedido de entrar na própria rua onde morávamos, já que muitos curiosos que-

riam participar e aparecer nas filmagens, então minha mãe precisou descer para autorizar nossa passagem. Nem ela sabia da dimensão que esse evento traria para a sua vida.

Joguei a mochila na minha cama e comecei a estudar foi questão de 5 minutos para que o segurança entrasse no meu quarto avisando que qualquer pessoa que eu trouxesse para casa deveria ser avisado com no mínimo 2 horas de antecedência, e que apenas prestadores de serviços cadastrados tinham entrada livre. Poxa, não podia usufruir do que era meu?

A tarde passou muito rápida. Minha mãe estava ansiosa já que nunca havia participado de um evento tão grandioso. Câmera man, apresentadora, produtores, maquiadores e diretores dominaram a cozinha lá de casa e, com suas lentes conseguiram intimidar minha empregada, pois havia sido contratada recentemente

Tudo parecia estar dentro dos conformes, até que a equipe de garçons resolveu cancelar de ultima hora e não iria comparecer ao evento. Maria aquela minha empregada recém contratada falou que tinha contatos e que arrumaria os funcionários para aquela noite. Sua boa ação fez com que minha mãe relaxasse um pouco, achando que tudo ia dar certo. Passaram apenas 40 minutos e sete pessoas, chegaram todas uniformizadas. Não sei por que mas esse grupo não trouxe boas energias para casa. Três tacas de vinhos quebradas o que contribuiu para que o clima ficasse mais tenso. Bastou o relógio da sala dar 8 badaladas que os convidados começaram a chegar. Tudo parecia estar na mais perfeita paz. Foi então que minha mãe me disse para eu ir dormir e assim estar descansado mentalmen-

te para o campeonato da manhã seguinte. Mas era difícil pegar no sono com tanto barulho, barulho esse que deu espaço ao silêncio e um estouro na sequência. Decidi averiguar o que estava acontecendo, com o maior cuidado e medo de ser visto. Já próximo à sala, ouvi vozes dizendo para ninguém se mexer e não chamarem a polícia. No começo tentei ver quem era o responsável mais eram vários e todos vestidos de garçom. Nesse momento peguei meu telefone e me tranquei no quarto de Maria. Liguei para a polícia e fiquei esperando no escuro silenciosamente. Pensei em ligar também para o segurança mas já não confiava mais em ninguém, escutava alguns gritos e um deles reconheci: era a voz de minha mãe. Fiquei desesperado, mas sabia que não podia sair dali e a única coisa que eu poderia fazer era esperar. Antes mesmo que a PM chegasse vi pela fresta da porta a quadrilha indo embora pela porta dos fundos. Alguém estava tentando abrir a porta, já que os ladrões haviam ido embora e a situação estava minimamente mais calma resolvi abrir e vi que Maria estava desesperada parecendo que queria ir embora. Achei a sua reação estranha mas tentei acalmá-la.

A polícia dizia para sairmos do quarto em que estávamos, mas Maria relutava parecia estar com “medo” dos policiais. Foi então que me dei conta que ela poderia estar envolvida. Como a polícia não identificou nenhum tipo de manifestação vinda de dentro do quarto, decidiram arrombar a porta foi então que Maria entrou em prantos e disse que poderia ajudar no paradeiro da situação ela disse que sabia onde a quadrilha estava.

Todo esse acontecimento poderia ter traumatizado minha família mas pelo contrário, o programa ficou muito famoso e conti-

nua fazendo muito sucesso. Mas e a Maria?

# RELEMBRANDO O PASSADO

---

Julia Lopes Tavares da Silva

Alguns anos atrás, quando ainda frequentava a escola, o Ensino Médio para ser mais específica, costumava ir em muitas festas, pois eu não era muito de ficar em casa, e cumpria com minhas obrigações. Não era aquela aluna nota dez, mas me esforçava para ter resultados satisfatórios. Acho que por isso, meus pais me deixavam sair, e faziam o favor de não ficar pegando no meu pé.

O tempo passou, eu me formei, passei em uma boa universidade e, agora, tanto eu como as pessoas que estudaram comigo naquela época seguiram seu rumo. Uns se tornaram grandes médicos, já outros optaram por engenharia, como eu.

Depois da minha época de faculdade, larguei as saídas frequentes com meus amigos e foquei em minha carreira profissional, até que alguns meses atrás comecei a receber convites para algumas festas e resolvi aceitá-los.

Em uma dessas festas, que a princípio parecia normal e até um pouco sem graça, dei a sorte ou azar, não sei, de reencontrar certos conhecidos da minha época de escola. Alguns deles me reconheceram e até vieram me cumprimentar, conversamos e tal, porém, no meio daquela multidão, havia um rapaz que me chamou atenção. Era alto, moreno, tinha um olhar simpático e aparentava ter olhos verdes, o que me fez lembrar um romance que vivera tempos atrás.

Estava no segundo ano do ensino médio quando essa paixão ocorrera. Me lembro que seu nome era Lucas com características

muito semelhantes a do rapaz da tal festa. Lucas havia acabado de entrar no colégio, para ser sincera, ele só soube da minha existência no dia em que as salas foram misturadas e caímos no mesmo grupo de Biologia. Durante o trabalho, fomos nos conhecendo e nos tornamos bons amigos, até que essa amizade se tornou algo a mais, como um namoro, não houve um pedido especial nem nada. Me lembro que foi numa tarde de terça-feira.

Com o passar do tempo, tivemos muitas brigas, discussões, coisas pelas quais você se propõe a passar a partir do momento em que entra em um relacionamento. Mas, apesar de tudo isso, o namoro ocorria perfeitamente.

Quando faltavam mais ou menos um mês para completarmos um ano juntos, Lucas parecia estar diferente. Via em seus olhos que algo muito sério e triste estava acontecendo, porém ele se recusava a me contar, dizia que, de tristeza, já bastava a dele.

Fingi que tinha esquecido o assunto, porém, a cada dia que passava, mais triste Lucas parecia. Depois de umas duas semanas observando, notei que seu cabelo estava diferente. Até que, uns dias depois, ele apareceu com a cabeça raspada. Quando seus amigos o viram com aquele cabelo, perguntaram porque ele o havia raspado. Lucas respondia, escondendo sua tristeza atrás de um sorriso:

- Nada, só tava a fim de mudar um pouco mesmo.

No mesmo dia, Lucas disse que havia algo que queria me contar fazia um tempo. Na hora respondi calmamente que poderíamos conversar. E então ele me disse que estava com câncer e que seu

médico, Dr. Felipe, lhe havia dito que teria no máximo um mês de vida .

Após a conversa, entrei em choque. Não sabia o que fazer, se chorava , gritava, esperneava , ficava em silêncio, mas, na hora em que o olhei e vi lágrimas escorrendo por seu rosto, não aguentei , nos afundamos em lágrimas.

Tentávamos agir normalmente, dentro do possível. Fazíamos de tudo para passar a maior parte do tempo juntos, até que, em uma madrugada recebo uma ligação. Era Patrícia, mãe de Lucas. Eu acabara de perder meu primeiro amor.

Todas essas tristes lembranças passaram rapidamente em minha cabeça quando avistei aquele rapaz naquela festa. Depois daquela noite, aquele moço alto e moreno que nem sequer o nome eu sabia, nunca

# DIA DE CAÇA

---

Lior Karman

“Já chegou todo mundo? Bom, então vou começar” E comecei:

“Um dia quando eu era bem pequeno, o meu pai disse que ia me levar para ver uma surpresa no fim do dia. Esperei muito ansioso até a hora chegar e ele me levou. Ele e os outros homens estavam com a roupa que eles usavam quando saíam no pôr do Sol e alguns dos meus amigos também estavam lá, com seus pais. Andamos por certo tempo e depois paramos. ‘É aqui’ disse meu pai e, de repente, vejo um bisão selvagem. Os adultos o cercaram e começaram a atacá-lo, depois carregaram o corpo do animal morto para a aldeia. Só assim entendi o porquê daquelas roupas e de onde vinha a comida. Desde esse dia, eu fiquei obcecado em caçar, mas eu era muito novo e tive que esperar muito.

Esperei e esperei e um dia me julguei pronto para caçar. Eu costumava ver os nossos guerreiros saindo da aldeia empunhando arcos e flechas magníficos, com lanças e escudos brilhantes indo caçar e voltavam vestindo o couro das mais ferozes feras da savana, eu sonhava, algum dia, me tornar um deles. Corria para vê-los quando saíam e, toda vez, eu perguntava para o meu pai se poderia ir junto, mas ele sempre dizia que eu não estava pronto e depois ia embora. Eu não estava pronto, mas quando estaria? Esse dia havia chegado. Numa certa manhã, eu vi os caçadores se vestindo para mais um dia de trabalho, então disse que iria caçar com eles, mas disseram que eu não podia ir! Eu não ia aceitar isso. Eu, um zulu sangue puro de quatro mil luas, que esperei anos treinando para isso, não estava



pronto? Por isso eu fiz um plano. No dia seguinte, quando o Sol começou a se pôr, o céu estava todo vermelho e laranja, sinal de boa sorte. Peguei minha lança e meu escudo e saí antes dos outros guerreiros”

— Você não tinha medo?

“Sim, quando comecei a andar em direção ao local de caça, avistei uma cobra enorme. Fiquei apavorado, eu morro de medo de cobras! Como já contei, um dia uma cobra quase matou eu e o meu amigo, mas o pai dele chegou para nos salvar. Lembrando disso, eu fiquei paralisado, ela foi chegando perto de mim, e eu não conseguia me mexer de tanto medo e ela cada vez mais perto, e eu parado, e ela chegando, eu não me mexia, ela pulou em mim, e, no último segundo, levantei o meu escudo, me defendi da picada dela e a matei com a lança. Era a segunda vez que uma cobra quase me matava. Depois eu continuei com o meu objetivo, e encontrei a melhor coisa possível.”

— Um leão?

“Isso mesmo. O magnífico rei da selva! Se eu trouxesse sua cabeça, ninguém me diria o que fazer, e foi isso mesmo que eu fiz, corri até ele e travei uma luta feroz com a fera. Garra contra lança, dente contra escudo, foi uma luta incrível. Depois de certo tempo, nós dois estávamos cansados, eu baixei a guarda, ele pulou em cima de mim e cravou seus dentes no meu braço esquerdo. Sentindo minhas forças irem embora, eu finquei minha faca no peito do animal até o cabo. A última coisa que eu ouvi foi o urro de pavor do rei, depois disso, apaguei.

— Você sobreviveu?

“Pelos raios do poderoso Xango! Será que dá para vocês pararem de me interromper?” e então eu continuei “Onde eu estava mesmo? Ah, lembrei. Estava tudo escuro. Será que eu tinha morrido? Mas então comecei a abrir os olhos, foi tudo um sonho? Não, meu braço doía muito para não ser verdade. Foi quando vi o leão morto do meu lado. Me contaram o que havia acontecido: os outros caçadores tinham chegado depois e me encontraram desmaiado por causa da perda de sangue e levaram de volta para a aldeia, eu e o leão. O que aconteceu em seguida foi uma maravilha. Festa, dança, música, e carne de leão para comer. Mas a melhor parte é que, como não tem nada mais difícil do que matar o rei da selva, eu pude ir caçar quantas vezes eu quisesse, sem ninguém me impedir, vestindo minha pele. E foi assim que eu matei um leão pela primeira vez e também é por isso que eu não consigo mexer um dos braços. Depois eu conto como foi que eu ganhei essa perna de pau aqui, mas isso é coisa para outro dia.”

# FINALMENTE CHEGUEI!

---

Luana de Oliveira Tripoli

Desde pequena eu sempre fui um menina sonhadora, sempre fazia diferente das outras crianças da mesma idade. Minha mãe já me contou milhares de vezes como eu era uma criança especial. Meu sonho sempre foi o mesmo, e sempre muito diferente dos mais comuns, apesar de que as outras crianças debochavam dele, eu nunca, nunca mesmo parei de sonhar.

Eu morava em uma cidade pequena com um pouco mais de 600 habitantes no sul de Minas Gerais. Era uma cidade muito pequena e isolada do resto do mundo, a cidade mais próxima era a 200 km de lá. As ruas de terra e as casas coladinhas era o mais comum por lá. Eu morava com meus dois irmãos minha mãe e meu pai. Minha mãe, dona de casa mesmo, já meu pai trabalhava como vendedor de peixes na cidade. Minha casa era bem pequena, dois quartos, sala, banheiro, não tinha quintal. No final da rua um lagoas extensa cobria grande parte de um terreno, nela haviam peixes das mais diversas cores. Eu costumava nadar lá, todo dia.

Bom, continuando, meu sonho era conhecer o mar, eu via ele em fotos nos livros escolares, e quando mais velha na internet, mais nunca tinha chegado ver de perto. Insistia para minha mãe mais era sempre o mesmo argumento “não temos dinheiro para fazer essa viagem”. Eu nunca desisti. Deixei de ir em festas por anos, trabalhava depois da escola e nos finais de semana, ganhava pouco, mais depois de uns dois anos finalmente eu consegui.

No ano seguinte minha mãe me fez uma surpresa, ela comprou duas passagens de avião para o Rio de Janeiro. Ah... o Rio... passei semanas pesquisando sobre a cidade, seriam somente 3 dias, mais valia a pena. Finalmente chegou o dia de ir para o aeroporto, eu e minha mãe pegamos 6 horas de estradas turbulentas até o aeroporto. Chegamos em cima da hora, nem eu nem ela tínhamos entrado em um avião, portanto, não sabíamos direito o que fazer naquele lugar cheio de gente. Perguntamos a um homem que nos orientou até o caixa do check-in, despachamos as malas e seguimos para a sala de embarque. Quase perdemos o voo. No avião uma hora, rapidinho, chegamos tarde e fomos para o hotel. Não via a hora de ir pra PRAIA!!!!

Acordei bem cedo 7:30 da manhã, puxei minha mãe da cama e fomos para o ponto, de ônibus, um trânsito insuportável! Demoramos mais 1 hora. Desci do ônibus e devagar fui chegando mais perto da areia. Primeira pisada, hum... quentinha... macia, mais alguns passos, coloquei minha canga e nossas bolsas no chão. Sai correndo em direção ao mar. Parei bem pertinho. Não tinha certeza, e se não fosse como eu pensava! Ai meu deus que desespero. Entrei. Fiquei horas boiando “filha vamos embora! Já vai escurecer.” Nunca mais esqueci.

# JÁ CHEGA

---

Lucca Reis Longhi Adami

“Era o último horário do dia, aquela cansativa aula de matemática com aquela professora muito brava que só gostava de Demétrios, o espertalhão daquela matéria. Eu era seu amigo, acho que o único, e o chamava de Deco. Todos na escola pareciam não gostar de nós, mas acho que era só inveja de tirarmos sempre excelentes notas.

Havia em nossa classe diferentes pessoas, os esportistas, os que iam mal, os alternativos, os do videogame (que também iam mal), eu e Deco (consideravam-nos os gênios) e os que mais odiava os valentões. Estes sempre tentavam pegar nossos lanches, mas conseguimos fugir correndo. Então pediam cola das lições e se não déssemos, tentavam nos bater. Por fim, ainda se achavam os malandrões da turma.

Com essa situação, estava começando a ficar bravo, mas meu amigo já estava revoltado, com “sangue nos olhos” querendo matar esses garotos. No começo daquele ano, estes malandrões como o Bob e o Dug não estavam dando a mínima para os estudos, só ficavam zombando os menores e todos os estudantes que eles consideravam inferiores e desconfiantes. Com o passar do tempo e com o fim daquele ano se aproximando, nós já havíamos passado de ano e só ficávamos assistindo aqueles grandalhões se preocupando com a recuperação e os estudos. Era uma piada.

Um dia daqueles, Dug (o mais mala da turma) veio nos pedir

cola da lição de matemática e meu amigo não estava nada feliz. “Ei, garoto, passa cola das lições agora!” Então cheguei no ouvido de meu colega e cochichei “O que vamos fazer?” Demetrios, muito irritado com a situação, falou “Vamos mudar as coisas”.

Então, em uma fração de segundo, soltou seu braço com toda sua força na cara daquele garoto. Eu achei o máximo na hora e depois fugimos a toda velocidade. Foi um momento incrível na nossa vida.

A partir daquele dia, todos começaram a querer ser nossos amigos, nos tornando, até hoje, muito conhecidos na escola inteira.”

— Foi assim, professora, o dia que senti a maior adrenalina até o fim do fundamental.

— Muito legal a sua história James, quem é o próximo a contar?

# ENCONTROS E DESENCONTROS

---

Luiza Ferraz Costa Furtado

Estávamos muito felizes, ia ser a primeira reunião familiar após a morte do meu avô. Fomos para a praia, eu, meu pai, minha mãe, meu irmão, meus dois tios e minha duas avós.

O dia estava ensolarado, quente e delicioso. Por conta disso, tive a ideia de fazermos um passeio de barco para almoçarmos na ilha dos Gatos. Todos adoraram a ideia! Minha mãe e minha avó foram fazer os sanduíches. Era muito bom vê-las juntas, pois fazia tempo que elas não se falavam. Estávamos todos na casa: alegres depois de um triste acontecimento.

Quinze minutos antes de partirmos para o barco, minha mãe falou que estava com pressentimento ruim e minha vó concordou, fiquei um pouco assustada, mas meus tios, juntos com meu pai, tiraram sarro delas por serem tão preocupadas.

Chegamos no barco de turismo com mais outra família numerosa. José, o capitão, mandou nos sentarmos para partir. O caminho era lindo, cheio de tartarugas e peixes. O capitão nos avisou que, em caso de chuva, deveríamos voltar diretamente para o barco já que as águas poderiam ser mortais em dias de tempestade.

Ao ancorarmos, uma majestosa praia com água cristalina surge na minha frente. Não podia ter um lugar melhor para se comemorar o tão esperado encontro familiar. Nadamos e brincamos a tarde toda e logo depois disso, bateu a fome e, com ela, nuvens carregadas pintavam o céu com tons de cinza. Senti pequenas gotas que anun-

ciavam uma possível tempestade. Rapidamente, começou a chuva forte. Naquele mesmo instante, ficamos com medo e lembramos da fala do capitão: fomos direto para o barco.

Quando chegamos lá, o motor já estava ligado e a outra família acomodada. O mar enfurecido balançava toda a estrutura de um lado para o outro a tal ponto que tínhamos que nos segurar bem forte nas laterais. De repente ouvimos um barulho: BANG! Meus pés já estavam cobertos de água. Gritos e choros formavam uma única sinfonia.

“Crianças e mulheres, para os botes agora!”, gritou o capitão. Fomos pegos de surpresa, já que não tinha lugar suficiente para toda a tripulação: apenas para as mulheres e crianças. Nesse momento, doeu meu coração apenas em pensar na possibilidade de não vê-los mais. Mas nada podíamos fazer, ao menos sair de lá antes que fosse tarde demais.

Como foi difícil equilibrar o bote e direcioná-lo para a praia! Não pude esconder a minha tristeza e impotência ao chegar em terra firme. Como seria viver sem o meu pai e meus tios?

Esperamos horas na praia e ninguém aparecia. Já estava me conformando com a ideia de nunca mais vê-los. Até que, de repente, avistamos um barquinho de pescador que vinha devagar e, a cada segundo ficava mais perto de mim. Isso trazia sentimentos inexplicáveis: tinha vontade de gritar, chorar, sorrir.

Quando o batel chegou, vi meu pai e meus tios. Todos nós nos abraçamos em prantos. Finalmente estávamos juntos de novo. O



que era um pressentimento de minha mãe e minha vó tornou-se de certa forma, realidade. O que era possível aconteceu, comemoramos com mais intensidade. abraçamos em prantos. Finalmente estávamos juntos de novo. O que era um pressentimento de minha mãe e minha vó tornou-se, de certa forma, realidade. O que era possível aconteceu, comemoramos com mais intensidade.

# FINALMENTE LEVE

---

Nina Loguilo Klotzel

Resolvi ir a pé, talvez minha motivação fosse aquele dia enso-larado, ou apenas a minha necessidade interna de me abrir para al-guém...

“Ali estava eu, na borda. Um passo e tudo estaria acabado, meus problemas, minha insegurança, meu medo, minha vida.

O vento que levava meus cabelos à face, já não me incomodava mais, pelo contrário, estava me puxando para um lugar melhor.

Havia muitas razões para eu estar ali, das quais muitas eu não admitia. Minha vida era desprezível, eu não tinha amigos, minha família era estúpida, eu era sozinho.

Meu pai havia morrido, o que não me abalou, porém, deixara minha mãe em estado lastimável, a ponto, de ela se esquecer das coisas mais simples, como meu aniversário. Minha irmã também reagira de forma diferente. Atualmente, ela está internada na funda-ção CASA por furto de algo que ela nem queria, foi estúpido, como se ela tivesse jogado ali, na lata de lixo, uma vida inteira.

Uma das razões pela minha falta de reação à morte de meu pai é devida ao meu ódio por aquele que me debochou e abusou duran-te a infância.

Apesar de presente, meu pai nunca estava lá quando precisava-mos, sempre ocupado com “trabalho”. Nenhum de nós realmente acreditava nisso.

Olhei então para baixo e, através dos meus pés, pude ver pessoas na rua, carros passando, árvores crescendo e o asfalto, minha arma. Muitas pessoas me chamariam de egoísta ao ver minha posição atual, mas elas não sabem como é ser eu. Podiam me chamar de suicida, mas assassino eu não era, não conseguiria viver (morrer) comigo mesmo se machucasse alguém na minha queda, e como na minha cabeça eu tinha certeza de que aquilo iria acontecer, teria de esperar até a rua ficar vazia, sem sinal de uma alma viva.

Comecei então a pensar nos prós e contras daquilo que mudaria minha vida (ou a falta dela) para sempre. A lista incluía: ser feliz-pró; não poder cursar aquela carreira da qual sempre sonhei-contras; nunca mais ver aqueles que tornavam minha vida diária um verdadeiro inferno -pró; deixar minha irmãzinha sozinha com uma louca- contras; acabar com tudo- pró.

Naquele parapeito, me perguntei quanto tempo levaria para chegar até o chão; como seria a sensação. Muitas perguntas, mas apenas uma maneira de descobrir a resposta.

Parei, liberei minha mente, respirei por uma última vez, levantei meu pé e me inclinei à frente, deixando tudo aquilo para trás...

“Obrigado por dividir sua história”, orou o coro.

Senti-me, finalmente, leve.

# MINHA VIDA DE CABEÇA PARA BAIXO

---

Marina Pinto Coelho Arantes

E lá estava eu, sentado em minha cama, pensando e repensando nas minhas falas e no que eu deveria fazer. Minha janela estava aberta, o vento entrava, soprava forte como que dizendo que alguma coisa daria errado em meu dia. As luzes estavam apagadas, meu aposento se encontrava em uma completa escuridão, como a noite sombria que estava do lado de fora.

Acendi as luzes, fechei as janelas e comecei a me aprontar. Coloquei o paletó preferido dela, o que ela me deu, escuro como seus cabelos, sempre me lembrava dela. Estava quase pronto, peguei o buquê e saí. Quando estava entrando em meu carro, me lembrei de que havia me esquecido de alguma coisa. Subi correndo as escadas, entrei em casa e peguei a caixinha.

A cidade estava movimentada, as luzes acesas nos prédios e casas. Estava repassando minhas falas em minha cabeça, minhas ações e pensando nos mínimos detalhes para que aquela noite fosse perfeita, do jeito que eu imaginava, do jeito que agradaria minha amada.

Chegando em sua residência, lá estava ela, mais graciosa do que qualquer outra mulher. Seus cabelos ondulados estavam soltos caindo sobre seus ombros como ondas do mar, usava joias nobres e cheias de beleza, assim como seus olhos. Suas curvas acentuadas com seu vestido, estava mais bela do que nunca.

O tempo passou rápido ao caminho do restaurante, e eu completamente apaixonado, sempre me distraía e olhava para ela, minha futura mulher, se ela falasse “sim”.

Chegamos no local, saí do carro e abri a porta para ela. E foi com essa ação que uma parte do meu mundo virou de cabeça para baixo, mas eu ainda não sabia disso. Entramos, nos sentamos na mesa que eu havia reservado:

— O que há de errado, querida? Você está agindo estranho comigo ultimamente, qual é o motivo?

— Tenho duas coisas para te falar. A primeira é que quando você abriu a porta do seu carro, estava sendo machista ou era somente um ato de cavalheirismo?

— Do meu ponto de vista, querida, quis ser cavalheiro.

— Que bom, pois se você estivesse sendo machista...

— Bom, eu já te expliquei, então não interessa. Qual era a outra coisa que você queria me falar?

— Me desculpe...

— O que aconteceu?

— Você se lembra do meu ex-namorado? Ele voltou à cidade, eu nunca me esqueci dele e uma parte de mim ainda gosta muito dele. Ontem fui jantar com ele, por isso não saí com você. Aconteceram coisas, me desculpe, eu me arrependi.

Olhei para sua cara e lágrimas de decepção rolavam pelo seu

rosto, sua maquiagem escorria e tudo de bonito que havia nela, simplesmente, desapareceu. “Como alguém que eu jurava ser tão fiel, jurava que me amava, esperava dividir os melhores momentos de minha vida, consegue mudar tudo isso em um piscar de olhos?”

E foi assim que minha vida virou de cabeça para baixo em apenas uma noite. A mulher que podia ser o amor da minha vida, que podia ter o seu “felizes para sempre” comigo, caiu na tentação e cometeu o pecado da traição.

# O LADRÃO DE BRINQUEDOS

---

Pedro Lang de Mattos

Senta aqui, enquanto quero te contar muito uma história, a historia de como consegui uma das coisas mais preciosas da minha vida.

Quando eu era moleque, tinha mais ou menos uns 6 ou 7 anos, eu era um menino muito sem noção, fazia de tudo pra conseguir oque eu queria, de tudo mesmo. E naquela época eu não tinha muitos amigos, ou melhor, não tinha amigos, e por isso eu brincava muito com eles. Eles eram meus amigos.

Um dia eu estava no meu prédio brincando com meus brinquedos, quando vi outro menino com mais ou menos a minha idade que estava brincando com um brinquedo, o mais legal do mundo! Resolvi falar com esse menino para tentar negociar uma troca.

Depois de um tempo conversando já sabia bastante coisa sobre ele, morava no nono andar, o seu era Anderson, e tinha 7 anos. Então comecei a perguntar sobre o brinquedo dele, eu pensava que era um cachorro de brinquedo mas ele disse que era uma capivara oque deixava bem mais legal, eu empolguei muito com isso então fui direto para o assunto e perguntei se ele trocaria, disse que não, eu perguntei se ele venderia, disse que não, eu perguntei se ele trocaria por dois brinquedos, disse que não, depois de muitas tentativas de convence-lo, eu cansei falei pra ele que tinha que ir e fui embora, não tinha jeito, eu tinha que roubar o brinquedo dele, fui para casa correndo para tentar planejar o que ia fazer.

Chegando em casa corri para meu quarto fechei a porta e peguei uma papel pra listar o que eu tinha que fazer. Ficou mais ou menos assim:

-Pegar a chave da minha casa e abrir a porta da casa dele (no meu prédio as chaves eram a mesma para todos os andares)

— Sair `as onze para que todos estejam dormindo.

— Localizar o quarto do Anderson.

— Achar o brinquedo.

— Roubar o brinquedo.

— Sair correndo e voltar. Para casa. Foi mais ou menos o que fiz às onze saí de casa com a chave, desci correndo pelas escadas até chegar no nono andar, usei a chave para abrir a porta, entrei e devagar fui explorando a casa até achar o quarto de Anderson. Fiquei procurando e procurando, tentando não fazer barulho. Depois de muito tempo procurando, na caixa de brinquedos, no armário debaixo da cama, no banheiro, eu olhei para Anderson e vi que a capivara estava ao seu lado da cama. Me aproximei devagar e, com cuidado, peguei o brinquedo. Assim que tirei da cama, Anderson acordou e quando ele me viu me deu um soco na cara. Revidei e a gente ficou brigando por muito tempo. Até que cansamos e começamos a conversar sem motivo nenhum e ficamos assim a noite toda.

Depois daquele dia, ele virou meu único e melhor amigo. nós ficávamos o dia todo depois da escola jogando videogame, brincando com os brinquedos, andando de bike e jogando bola. Até que



certo dia eu recebi a notícia de que minha família ia se mudar para Araraquara para criar capivaras, fiquei muito triste e fui contar para o Anderson e assim como eu ele ficou triste nós decidimos fazer tudo o que dava para fazer em uma semana aproveitando o máximo e fizemos, andamos de bike descendo por rampas enormes do nosso prédio, passamos trotes, jogamos muito videogame, jogamos muito futebol e sem querer quebramos uma janela, foi a melhor semana da minha vida. Mas, infelizmente, chegou a hora de ir. Quando fomos nos despedir, ele me deu o brinquedo de capivara. Foi o melhor presente que ganhei.

Passei o resto da minha vida lá em Araraquara. Lá não tinha nada para fazer, então ficava brincando com o brinquedo de capivara e fingia que era o Anderson. Até passei a chamar esse brinquedo de Anderson.

É, foi uma infância bem difícil. Mas agora que voltei eu estava querendo contar para o Anderson que um tempo atrás em Araraquara eu estava brincando com a capivara quando sem querer eu à deixei cair em um buraco de cobra e nunca mais a vi. Eu só queria saber se ele tem outra.

# VELHOS AMIGOS

---

Pedro Paulo da Silva Werneck

Olhei no relógio, já eram quase onze da noite e a fome me consumia a cada minuto que passava, fui até a geladeira com a intenção de satisfazê-la, porém nada, apenas um suco de laranja, vencido a alguns meses e de qualquer maneira aquele mero suco não iria me aliviar, estava com fome, fome de carne, uma fome intensa que mal me deixava pensar. Parado em frente à geladeira, comecei a escutar uma música, irritante. Aquele barulho entrou nos meus velhos ouvidos e no mesmo instante, me recordei de um bar que havia na rua do meu edifício. Afinal, era de lá que vinha essa “melodia”.

Me aproximei do bar, estava “bombando”, mas como não gosto desse tipo de clima e com minha idade já avançada, entrei com um único objetivo em mente; comer. Procurei uma mesa mais distante dos alto falantes, já que meus cansados ouvidos não suportavam tal barulho, para piorar a cadeira era dura e desconfortável. Peguei o menu e chamei o garçom mais próximo, um rapaz de olhos claros e cabelos loiros, me atendeu com grosseria e expressava um olhar frio de quem não gostava do que estava fazendo. Pedi um prato de hambúrguer com uma acompanhamento de uma cerveja bem gelada, então o garçom proclamou que meu pedido não demoraria muito, a única coisa que me restava era esperar.

O tempo cauteloso, parecia não passar e para piorar meu estômago vazio “roncava” como bravos trovões. Eu já não estava aguentando mais, meu nível de ansiedade parecia só aumentar. Logo, no meio da multidão um senhor que aparentava ter a minha idade me

chama a atenção. Pensei o que ele poderia estar fazendo lá, será por um motivo semelhante ao meu ou... O que ele poderia estar fazendo no meio daquele público jovem... não parava de me perguntar isso. Apesar de estar com muita fome, a curiosidade havia tomado conta do meu corpo naquele instante, e imediatamente me aproximei, toquei em seu ombro, ele virou, encheu os olhos de lágrimas e com um abraço bem forte sussurrou em meu ouvido, faz muito tempo, Jhom, muito tempo. Meu velho amigo de infância estava de volta a minha vida, pois nos separamos quando fui morar em uma cidade distante aos 14 anos.

Aquela sensação de reencontro foi muito boa, peguei meu prato e sentei ao seu lado, conversamos a noite toda. Até que resolvemos nos encontrar novamente no dia seguinte. Fui pra casa com um ótimo bem estar e tive uma boa noite de sono.

# A DECISÃO FINAL

---

Valentim Faria Girard

Era um sábado de decisão. O técnico não havia me convocado para a partida, já que ficara fora por três meses por causa da minha contusão. Então permaneci em casa com minha mulher e meus dois filhos. Nós estávamos prestes a comer quando recebi uma ligação. Achei estranho, pois percebi que o número era do treinador, e eu jamais esperava que ele me ligasse. Assim mesmo atendi. Ele disse que meu companheiro de equipe não poderia jogar, e que eu teria que estar pronto para assumir o lugar. Não sei o que aconteceu com o ele, mas fiquei na maior felicidade por terem me chamado de volta.

Lá estava eu, após três longos meses de tratamento duro, de volta aos gramados. E o melhor da história, estaria jogando uma final decisiva. O jogo estava marcado para às dez horas da noite. Havia ainda um tempo para me concentrar e relaxar, mas este era pequeno. Saí às pressas de casa, mau deu para me alimentar direito e saí em direção ao estádio para me juntar ao time.

Aquecimento pra cá, alongamento pra lá. Tudo bem comigo. Estava pronto e em forma. Sabia que ia começar de fora e tinha todas as condições de entrar no meio.

O jogo começou porém permaneci um bom tempo no banco de reservas, vendo meu time perder, já estava no segundo tempo até que faltando trinta minutos para o jogo acabar um companheiro de equipe se machuca. Eu vi o sinal do treinador gesticulando com o

braço freneticamente me chamando. Chegou a minha hora que tanto aguardava havia meses. O técnico me chamou e disse exatamente o que eu teria que fazer. Entrei em campo e arrepiado olhei em volta, sessenta e oito mil torcedores, eu estava nervoso, mas respirei fundo e me concentrei no que teria que fazer dentro das quatro linhas do gramado: ajudar minha equipe a reverter o placar, e assim, no final do jogo, poder levantar a taça de campeão.

Após alguns minutos da minha entrada, recebi a bola perto da área do oponente. Paralisei por alguns segundos, olhei para a arquibancada, todos estavam tensos me olhando. De repente, ouvi um grito, não sei de quem, mas fiz o que gritaram, virei para o gol e chutei. A bola entrou. Nunca fiquei tão emocionado ao marcar um gol, ainda mais em uma final de tanta importância como aquela. Saí correndo como criança para comemorar com toda a equipe. A torcida também comemorou muito. Pronto, o placar estava empatado novamente. Agora só restava marcar mais um gol para a consagração.

A bola voltou ao centro do campo e o outro time deu a saída. Passe pra lá, passe pra cá e não acontecia nada. Dei uma olhada para o placar eletrônico e percebi que restavam apenas poucos minutos. Até que em uma falha do adversário, recuperei a bola no campo de ataque e fiz um grande lançamento para meu companheiro. Enquanto ele corria até o gol, o estádio ficou quieto, tão quieto que não conseguia-se ouvir sequer uma respiração. Ele carregou a bola até o outro gol e chutou. Foi um golaço, mas, além disso foi o gol do título, pois logo após isso o juiz determinou o fim do jogo. Quando escutei o apito final, fui comemorar com toda a equipe a

conquista do campeonato pelo meu time do coração, o São Paulo.

Esse foi o dia em que deveria ter ficado em casa assistindo o jogo pela televisão com a minha família. E até hoje me pergunto se foi sorte ou pura coincidência.

# HISTÓRIAS, QUANTAS HISTÓRIAS

---

Valentina Thomas Mazzucca

Me lembro como se fosse ontem. Toda quinta feira, eu e meus irmãos, juntos com meus pais, íamos jantar na casa de meus avós. Eu era a mais nova dos três. Chegando lá era sempre uma festa, com a melhor comida e com os melhores presentes. Podíamos fazer tudo naquela enorme casa. Se levávamos bronca da mamãe, a mãe levava bronca da vovó.

Esses dias só tinham um contratempo, as histórias que meus avós, principalmente minha avó, contavam logo depois do jantar enquanto eles e meus pais tomavam café. Cada dia uma nova história. Ah! Aquelas histórias recheadas de detalhes sobre sua infância, suas festas, suas roupas preferidas, suas amigas e inimigas, seu primeiro namorado, o casamento, brigas e seus bons momentos.

Vovô e vovó se divertiam, se emocionavam, brigavam entre si quando discordavam do que havia acontecido. Hoje pode parecer engraçado, mas meus avós mal se recordavam do que ocorrera no dia anterior, no entanto se lembravam dos mínimos detalhes de suas antigas memórias.

Histórias, quantas histórias. Não era tão divertido para nós, não tínhamos paciência para aquilo tudo, queríamos brincar e correr, queríamos voltar para nossa casa e descansar. Meus pais sempre diziam, antes de irmos para a casa dos nossos avós, da importância deste momento, que para eles era essencial, pois lembravam do passado e ensinavam os valores que julgavam fundamentais para nos-

sas vidas. Para nós aquilo era uma tolice.

Eu até tentava me envolver com as histórias, por exemplo, quando minha avó me contava detalhes sobre seu casamento. Contudo, na maioria das vezes, só conseguia acompanhar o começo da narrativa e quando via, a história que tinha começado antes da I Guerra Mundial na casa de uma prima, já estava em 1930 falando sobre o filho de uma cunhada que era caixeiro-viajante e quando me dava conta já tinha perdido o fio da meada pensando no que haveria de sobremesa.

Essa rotina durou até meus 16 anos quando minha avó morreu. Me lembro muito bem desse triste dia e, ainda hoje, quando conto essa história para meus netos me emociono.

Logo após sua morte, meu avô, sozinho, adoeceu, diminuindo assim a frequência dos jantares.

O tempo passou rápido, muito rápido. Hoje, eu que sou a avó. Toda semana espero minha família para o jantar na minha casa, sempre preparando o prato preferido de cada um. Eu e meu marido temos 4 filhos e 9 netos. Relembro com emoção quão importante e valiosos esses momentos em família eram e são. Nós mudamos de papel durante a vida, mas tem algo que continua vivo em toda a família, passando de geração em geração.

Toda vez que tento falar sobre isso com meus netos, eles me fazem recordar da menina que eu era, e, obviamente, não dão muitos ouvidos para o papo de vó. Eu, como boa avó, não dou importância e continuo repassando as lembranças, e eles, coitados, escutam mais



uma de minhas velhas histórias a cada nova semana.

# TENACIOUS D

---

Victor Paulo Cruz Lutes

Uma vez encontrei um músico que eu amava chamado Jack Black em um restaurante. Ele tocava rock muito bem, o meu estilo de música favorito. Andei até a mesa dele, comecei a conversar e ele me convidou para sentar. Então me contou como conheceu o seu melhor amigo e como formaram a banda:

“Tudo começou quando eu tinha 16 anos e morava na cidade de Kickapoo em Missouri. Eu era gordo e um desapontamento para o meu pai. Nunca tirava notas boas na escola e nunca conseguiria entrar em nenhuma universidade boa. A única coisa que sabia fazer excepcionalmente bem e gostava de fazer era cantar e tocar rock & roll, mas minha família era muito religiosa e meu pai considerava rock música do Diabo... Moça, traz um prato de caviar para mim.

Um dia eu escrevi uma música e toquei ela para a minha família durante o jantar. Meu pai ficou tão bravo que me xingou e me bateu com um cinto. Ele disse:

-Você desobedeceu minhas ordens, filho, por que você nasceu? Seu irmão é dez vezes melhor que você, Jesus ama ele mais. Essa música que você toca para a gente vem do fundo do inferno. Você virou um boneco, Beelzebub te controla. Terá que louvar o senhor enquanto mora na minha casa.

Ele saiu e trancou a porta. Comecei a chorar, mas estava tão cansado que adormeci. Enquanto dormia, tive um sonho em que encontrei Ronnie James Dio (músico e compositor de várias ban-

das como “Black Sabbath”, “Rainbow” e “Dio”). Ele falou que acharia um grande parceiro e formaria a melhor banda do mundo em Hollywood. Iria encontrar minha fama e fortuna, mas disse que para isso teria que escapar da opressão do meu pai.

Naquela noite, botei algumas roupas, um pouco de dinheiro e meu violão numa mochila, e fugi de casa. Peguei um ônibus até Hollywood, Alabama, onde toquei algumas músicas para ganhar um pouco de dinheiro enquanto procurava um integrante para a minha banda. Dali fui pra Hollywood, NC, Hollywood, Maryland e Hollywood, Flórida e comecei a duvidar se um dia ficaria famoso... Traz uma garrafa de uísque, por favor.

Finalmente, cheguei até Hollywood, Califórnia, agora já com 18 anos. Saindo do ônibus, eu comecei a ouvir alguém tocando violão e me aproximei. Tocava muito bem, parecia um mágico. Perguntei para ele o seu nome e ele me disse que era Kyle Gass. Ele começou a tocar Bouree (de Johann Sebastian Bach), mas ninguém estava prestando atenção, então comecei a cantar junto. Do nada, várias pessoas pararam para ouvir a gente e, em dois minutos, já tinham cem pessoas em volta de nós. Viramos inseparáveis e formamos uma banda naquele dia. Chamamos ela de “Tenacious D”... Posso ter um brownie com trufas?

Em poucas semanas, já estávamos lotando estádios e assinando contratos. Fizemos várias turnês e ganhamos muito dinheiro. Estávamos no nosso pique quando Kyle morreu ano passado. Perdi toda minha fama e, em poucos meses, estava sem teto. Agora, para comer, preciso enganar um fã e sair correndo para que ele tenha que

pagar a conta.”

Achei que ele estava brincando e comecei a rir tanto que caí no chão. Mas quando eu abri meus olhos, ele não estava mais lá. Fiquei ali, estupefato, e acabei tendo que pagar a conta de quinhentos dólares mesmo sem ter comido uma mordida ou bebido um gole.

# CRÉDITOS

---

## **Direção**

Regina Scarpa

## **Coordenação**

Vera Conn

## **Orientação**

Maria do Carmo G. Kopp Silva

## **Professora**

Marilda Cabral

## **Edição e design**

